

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

VISITAS a Portugal Ultramarino

Nesta hora conturbada que o mundo atravessa, neste entrecruço de civilizações e de ideais, aprez-nos registar a boa política deste cantinho do ocidente.

Sua Excelência o General Craiveiro Lopes, Presidente da República, partiu mais uma vez em missão de visita, de estudo e reconhecimento das necessidades mais instantes do Ultramar português. Coube a vez este ano a Moçambique.

E ali Sua Excelência tem sido recebido apoteoticamente.

Provincia Ultramarina de grande relevo, centro comercial de importância, com cidades de alto nível social, Moçambique é, sem dúvida, uma das nossas províncias que mais merece a atenção dos governantes.

Não tem Portugal descurado essa missão. E o ideal é sempre o mesmo: educar, evangelizar e civilizar os povos, sem olhar a raças.

Se o Infante D. Henrique foi o pioneiro das descobertas, o seu fim foi sempre altruista.

Dedicou-se à navegação profundamente e na sua escola náutica criou os grandes mestres da navegação que descobriram as cinco partes do mundo, através de mares nunca dantes navegados.

E não foi a conquista que levou os portugueses a arrotar com todas essas dificuldades da navegação, que tantas vezes pagaram com a vida.

Foi a dilatação da Fé e a civilização dos povos. Onde aportava uma nau, uma cruz era erguida, onde se estabeleciam os portugueses a civilização se iniciava, indiferentes a credos e raças.

Ainda hoje é assim, diziamos nós, e é por isso mesmo que Portugal, este bocadinho do ocidente da Europa, é considerado o país essencialmente evangelizador das raças primitivas. Os nossos mis-

sionários sempre tiveram essa grande virtude, pregando o Evangelho, criando escolas, oficinas, numa palavra, civilizando os povos pagãos.

E se isso já é muito, o nosso Governo abrindo estradas e caminhos de ferro, construindo hospitais, pontes, centrais hidro-eléctricas, portos de mar, etc., tem completado a missão civilizadora.

Poder-se-á chamar a esta missão civilizadora «colonialismo»? Será assim, arrotando com mil e uma dificuldades na civilização dos povos selvagens, gastando somas enormes a sulcar as florestas, a construir novas cidades com todos os requisitos da higiene e limpeza, a criar centrais hidro-eléctricas e hidro-agrícolas, elevando os povos, sem conceito de raças, ao mesmo nível de civilização e de independência moral, será assim, diziamos nós, a nossa missão «colonialista»?

Se assim é, bendita a colonização portuguesa, que tem levado às suas províncias ultramarinas a mensagem do trabalho, da boa organização política, à semelhança de Portugal continental. A nossa população ultramarina tem bem a noção da Pátria portuguesa na língua que lhes é ensinada, nos processos de trabalho, de educação, de cultura, na liberdade de acção.

E a cultura ocidental, é a civilização dos portugueses que atrai-

J. SOARES LEITE.

Continua na 2.ª página.

«Teia de Deus»

Vai ser iniciada, em Guimarães, a campanha da «Teia de Deus», ideia feliz de Sua Ex.ª o Ministro do Interior, recomendada e acarinhada pelo Sr. Governador Civil do Distrito.

A «Teia de Deus» é uma obra de benemerência que se propõe especialmente auxiliar as Misericórdias do Concelho e também as instituições locais de Assistência.

No concelho de Guimarães, porque a pulverização da propriedade rústica não permite o recurso à instituição e desenvolvimento eficaz da «Teia de Deus» ou «Seara de Deus», como noutros concelhos e Zonas do País, é no âmbito da indústria e do comércio que se vão lançar as raízes duma larga campanha a favor daqueles que, infelizmente, têm de recorrer a uma obra de Assistência por carência de recursos próprios.

A Comissão concelhia já está organizada e é constituída por pessoas e entidades bem conhecidas no meio vimaranense pelos seus dotes de benemerência.

Preside a essa Comissão o sr. Presidente da Câmara Municipal, que está a envidar os seus melhores esforços no sentido de conseguir resultados iniludíveis com a difusão desta Campanha.

Compõem a Comissão Concelhia:

O Presidente da Câmara Municipal; o Provedor da Misericórdia de Guimarães; o Provedor da Misericórdia de Vizela; o Presidente do Grémio do Comércio; o Presidente da Comissão Municipal de Assistência; os industriais srs.: Comendador Alberto Pimenta Machado, António Urgez dos Santos Simões, Joaquim de Sousa Oliveira, José Rodrigues Guimarães, Albano Coelho de Lima e António Teixeira de Melo.

«MARE NOSTRUM»

És português, ó Mar! Tuas procelas,
Na sua espuma branca de luar,
Têm qualquer coisa dessas lusas velas
Das naus, em seu constante baloiçar.

Foi Portugal, nas frágeis caravelas,
Quem novos mundos quis ao Mundo dar;
E a Cruz de Cristo, que brilhava nelas,
Chegou a toda a parte, a desvendar

Mil rumos sobre ti jamais traçados,
A destruir terrores imaginados...
E uma nova luz então se fez!

Volvidos muitos séculos, Portugal
Ainda é marinheiro sem igual,
E tu, ó Mar, és nosso, és português!

Figueira da Foz.

ELIZABETH SANTOS.

UMA CARTA Meus verdes pinos

do Sr. Comandante
João de Paiva

Recebemos, acompanhada por amabilíssimo cartão, do nosso ilustre Conterrâneo e Amigo Sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão, a seguinte carta:

Carvalho d'Arca, 5-IX-56.

... Sr. Director do «Notícias de Guimarães».

No último número do jornal que V. ... superiormente dirige vem publicada uma elucidativa carta do sr. Eng.º Duarte do Amaral, em que este meu ilustre Amigo brilhantemente descreve, a propósito da recente colocação do Regimento de Cavalaria n.º 8 em Guimarães, a acção que tem desenvolvido a favor dos interesses locais, com a prestante colaboração de outras destacadas personalidades vimaranenses.

E' na verdade consolador poder verificar que as grandes aspirações de Guimarães, ou se encontram satisfeitas, ou foram objecto de meticolosos estudos e planos, já em vias de execução. O amor que tenho a esta cidade e seu concelho, e o conhecimento já antigo dos respectivos problemas, levam-me a unir a minha modesta voz à do sr. Eng.º Duarte do Amaral, em louvor daqueles que arduamente se têm empenhado no engrandecimento e no progresso da sua terra.

Com justiça e oportunidade, lembra também o signatário da referida carta os nomes de algumas das individualidades que o precederam nas suas esforçadas diligências, constituindo um grupo que «há muitos anos já... chamou a atenção do Governo para a tristeza em que vivia Guimarães...».

Permita-me V. ..., sr. Director, que a este respeito eu preste um singelo depoimento, que pretendo ser também pública homenagem a esses valorosos precusores das glórias vimaranenses. Efectivamente, já rodaram uns lustros, mas eu recordo como se hoje fosse o entusiasmo e o puro espirito bairstista com que esse punhado de bons vimaranenses fez ouvir em Lisboa a voz dos interesses da sua terra, levantando ali o primeiro grito para que justiça lhe fosse feita.

Exercendo ao tempo o cargo de presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, tive a satisfação de acompanhar o citado grupo a Lisboa, onde sucessivamente procurámos o Ministro da Guerra, que era então, se a memória me não traição, o já falecido General Schiappa de Azevedo, com quem mantive sempre as melhores relações, e o Chefe do Estado Maior do Exército, General Amílcar Mota, também já desaparecido, que de há muito me distinguia com a sua estima.

Recebidos por aquelas duas altas individualidades, coube-me a honra, por virtude das funções que desempenhava, de ser junto delas o intérprete de uma das grandes aspirações vimaranenses. Retirado do olhar, que não do coração da cidade, o seu glorioso Regimento, instantaneamente se solicitava que voltassem os muros de Guimarães a dar guarida a uma unidade militar.

Continua na 3.ª página.

O Sino alegre da minha infância!

Conforme vou entrando na velhice, mais sinto a nostalgia do passado.

Uma espécie de veneração me inclina para tudo quanto me fala de tradição — aquela tradição que nos faz bem ao espirito trazer sempre em lembrança.

Talvez por isso é que eu notei, não tocasse o «sino do relógio» aquando da solenidade da *Bandeira de Nossa Senhora da Oliveira*.

Aquele aparato civico-militar no momento em que foi entregue o estandarte agosto aos soldados indígenas, teve grandeza e beleza. O sentimento de amor à nossa terra todo se comunicou ao acto — acto singular, extraordinário, que nos rememorou a Índia e aquelas naus onde ia o nome sacro da *Senhora da Oliveira*.

Por tão fundamental sucesso histórico, bem se justificava que o «sino do relógio», da torre da Oliveira, tocasse no acto da entrega da Bandeira à força militar, em parada, no Largo da Oliveira.

Não se havendo esse antigo sino associado ao acto, fahou ao seu papel de antigamente.

Não tenha, embora, o pequeno sino, sonoridades metálicas de fazer agrado ao ouvido. Na verdade, o «sino do relógio» não passa de uma sineta vulgar.

Por vezes, mesmo, o seu toque teimoso, embirrento, zirante, desagradaria.

Desacompanhado de outras vozes metálicas, sem outros sons em coral afinado, o «sino do relógio» será, se quiserem, um mau sino.

Não se trata, porém, de requerer ao «sino do relógio» audições musicadas, para satisfação auricular. A sua missão, aquela que lhe foi talhada há um roe de anos, pelos nossos antepassados, foi a de martelar as horas e, além de anunciar as horas, tocar em dias de festas solenes. Eis tudo!

Eu que nasci perto da torre onde poisa o «sino do relógio», sou testemunha de sempre, através dos tempos, tanto na Monarquia como na República, de ouvir desse sininho palreiro o seu festivo tam-tam-tam.

Então, nos áureos dias da minha infância, quando ouvia o galinhar desse sininho de ao pé da porta, eu corria para a rua, a expandir, a transmitir aos outros a minha alegria juvenil.

E' que o «sino do relógio», quando tocava, insistentemente, teimosamente o seu tam-tam-tam, era sinal de festa. Razão porque o meu coração infante, embandeirava em arco.

Fosse festa aniversária de um rei, nascimento de um príncipe, visita de algum «grande» ao nosso burgo, passagem de data histórica, caso era que esse toque, picado e repicado, não só anunciava o acontecimento, como se lhe associava.

Na procissão de *Corpus Christi*, que promana do século XVI, mais tinha de obrigação esse sino gárrulo em tocar, tocar sempre, enquanto a procissão andasse fora. O mesmo uso e costume havia com o sino da Sé do Porto, e o mesmo talvez se daria com outros sinos semelhantes.

Mas, fora de literatura. Esta aparente preocupação sineira, pode fazer rir aqueles graves senhores que, besuntados de positivismo, voltam as costas a estas... miudezas, para eles demasiado arcaicas. Oh! Não lhes queiramos mal por isso. Nem sequer os desdenhemos. Vá cada um pelo seu caminho, à sua maneira. Ao cabo da jornada, nos daremos as mãos, fraternalmente.

Volto, pois, à minha. O toque do sino, daquele sino que traz com ele a nostalgia do passado, fez falta na hora solene da entrega da Bandeira.

Demais, esse feliz, esse bem decorrido sucesso, teve qualquer coisa de poético. Transcendeu a vulgaridade.

Tudo, pois, quanto anda ligado à tradição — como é o toque do «sino do relógio» — tinha perfeito cabimento no acto.

A sua falta foi notada! Por mim, admiti a mudez dos outros sinos da torre, naquele momento solene.

Outrora esses estrondosos sinos da torre da Oliveira, tinham gala de nobres.

Tanto assim, que até lhes atribuíam estas vozes pimponaças:

Nós somos fidalgoes!

Nós somos fidalgoes!

Agora — coitados! — para ali es-

tão, quase mudos. Quando por vezes tocam, mais parecem velhos pigarrentos.

Já não há cegos sineiros que, de olhos para o interior, os faziam bimbalhar, repicar a preceito.

Fiquem, pois, todos os sinos da torre — se lhes apraz — mudos ou tartamudos.

Quanto ao «sino do relógio», são outras contas. Sino municipal, da Municipalidade pode receber ordens.

Embora estas mal soantes regras pareçam bizantinas de poeta aldeão — cá fica o meu reparo.

Que me perdoem os tais doutos senhores besuntados de positivismo.

A. L. DE CARVALHO.

GAZETILHA

CALÇADA DO MEU CAMINHO...

Calçada do meu caminho,
do meu caminho distante,
mas que piso a todo o instante!
— Devias ter mais carinho,
ter pena do viandante!...

És velhinha, eu bem o sei,
e eu também sou um velhinho,
como as pedras do caminho
onde sonho, e sonharei,
esperando um vão carinho...

De ruginhas está cheia
tua face envelhecida,
velha como a minha vida
— brando luzir de candeia
numa parede esquecida...

Quando te calcam meus passos,
em noites de temporal,
meu corpo se encontra mal;
e ficam meus olhos baços,
absortos no lamaçal...

Vejo o fulgor das lanternas
desses modernos «espadas»,
e já pressinto encharcadas
a farpela, e as minhas pernas,
que não me foram poupadas...

Muito dos calos padeço
e quando busco o teu piso,
estando o tempo indeciso,
todo, todo me estremeço,
que até me fuge o juízo...

— Devias ter mais carinho,
calçada do meu caminho!...

Ortígão.

ECOS das GUALTERIANAS

Aos Ilustres vimaranenses
dr. João M. de Freitas e D. Maria
da Glória Rocha dos Santos.

E' com muita alegria e gosto que lanço mão da pena — da minha tosca e ferrugenta pena — para em amigável conversa dar uma pequena e pálida descrição das suas últimas impressões que em mim deixaram as sempre interessantes festas Gualterianas.

E começo por me penitenciar de uma grande falta. Em 1954, por ocasião das festas, publiquei no *Comércio de Guimarães* um pequeno artigo a elas referente, em que também dizia o que há na história acerca de S. Gualter. Este ano — ingrato que sou! — nada disse e nada escrevi. Bem ou mal, vou agora remediar a falta, dizendo algo do que vi, do que ouvi, e do que senti naqueles dias inolvidáveis.

Segundo velho costume, como estavam sempre abertas as portas da sossegada casa hospitaleira de uma virtuosa senhora, em Guimarães nada e criada, já na quinta-feira me encaminhei para o sítio, onde devia desenrolar-se o sempre atraente e sugestivo programa das festas.

Por feliz disposição da Providência, tive desde a primeira hora um bom companheiro para andar comigo. Nada me custa andar só, é até do que gosto mais, quando estou no meu cantinho da aldeia. Em terra estranha faz-me jeito uma companhia, se é uma companhia asada e despretenciosa. Pois a sorte favoreceu-me sem eu a procurar, na pessoa do Joãozinho,

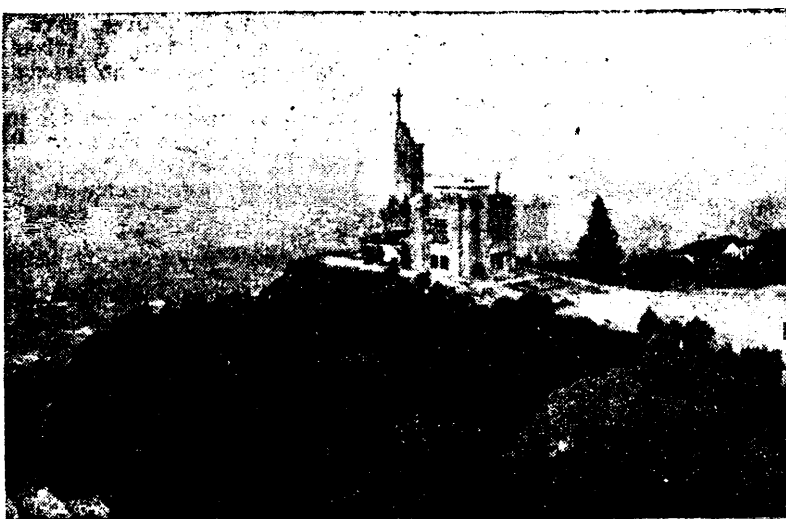
A Grande Peregrinação à Penha

realiza-se hoje

Conforme temos noticiado já, efectua-se hoje a tradicional Peregrinação à Penha, grande jornada de Fé dos Vimaraneses, que todos os anos reúne muitas dezenas de milhar de pessoas, em manifestação de verdadeiro amor filial à Virgem Nossa Senhora da Conceição.

A Peregrinação é presidida, conforme já dissemos, pelos Venerandos Prelados da Guarda, nosso prestigioso conterrâneo, Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves e Auxiliar de Aveiro, Senhor D. Domingos da Apresentação Fernandes, o primeiro dos quais dirigirá, no alto da Penha, uma alocução aos peregrinos, após a Missa Campal, que será celebrada logo a seguir à chegada da Peregrinação.

O imponente préstito religioso, que será organizado junto do templo dos Santos Passos, iniciará o desfile pelas ruas da cidade às 9 horas, devendo estar no alto da Montanha pelo meio dia.



Um formoso aspecto da Penha, vendo-se ao centro o seu Santuário

DOIS NOMES

Elisa de Carvalho é uma poetisa plena de emoção que dá a cada poesia o seu justo valor.

Marques Ribeiro é o compositor-pianista que inter-

beiro executou três composições suas.

A seguir, Elisa de Carvalho evocou poetas de além-mar e da nossa terra: Olegário Mariano, Castro Alves,



Elisa de Carvalho

preta com a alma os versos que ouve dando-lhes o «fundo» que exigem.

Andam no ar ainda os sons do último recital de ambos, realizado, em Lisboa, no artístico cenário do Museu João de Deus.

Em abertura, Marques Ri-

Cecília Meireles, Amélia Villar, Pedro Homem de Melo, Florbela Espanca, etc..

Dois nomes, uma boca, duas mãos — e a noite de Arte já mais será esquecida.

AURORA JARDIM.

Associação da Imprensa Regionalista

Desnecessário se torna encarecer a grande força moral que a Imprensa regionalista representa para a Nação, dada a sua função informativa, económica e cultural.

Apesar disso, foram constituídos o Grémio Nacional da Imprensa Diária e o Sindicato Nacional dos Jornalistas, sem que a imprensa regionalista e os milhares de indivíduos que nela trabalham, tivessem acesso a esses organismos.

A questão tem sido debatida largamente nos jornais, chegando mesmo a ser alvitrada a realização dum congresso da pequena imprensa (?), para serem tomadas as providências necessárias e a representarem às instâncias superiores. Porém, essa reunião não chegou a efectivar-se.

Para se conseguir uma força bastante forte que possa tratar dos interesses morais e materiais da imprensa regionalista e seus colaboradores, foi agora tomada a iniciativa da criação da Associação da Imprensa Regionalista.

Cremos que só uma instituição que possa actuar permanentemente e que abranja todos os interesses — jornais, revistas e outras publicações periódicas, e os elementos directivos, editoriais, redactoriais, colaboradores, delegados, agentes, correspondentes, etc. — poderá satisfazer inteiramente.

A organização corporativa da Nação não permite que o mesmo indivíduo pertença a mais de um organismo. A uma Associação podem pertencer todos os indivíduos que os seus estatutos determinem, pertençam ou não a qualquer Grémio, Sindicato, Ordem, Estado, comércio ou indústria.

É com satisfação que informamos ser já muito satisfatório o número de adesões recebidas, mas pretende-se um acordo mais volumoso para a iniciativa poder caminhar satisfogadamente.

Os trabalhos de organização inicial estão a consolidar-se com conversações preparatórias, devendo, brevemente ser convocada uma reunião de conjunto para ser nomeada a comissão encarregada de elaborar o projecto dos estatutos da futura Associação.

É conveniente que os jornais da provincia indiquem, por escrito, os seus representantes e os indivíduos interessados, que ainda o não fizeram, enviem as suas adesões para efeitos das constituições das comissões organizadoras.

O êxito da iniciativa dependerá, sobretudo, da quantidade e qualidade das adesões que lhe forem dadas.

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua 2 do Bairro de Santa Engrácia, 12, 1.º Esq. em Lisboa.

A. Vieira Neves.

ROMARIA DE SANTO ANTONINO

No pitoresco Monte do mesmo nome, nos subúrbios desta cidade, realizou-se no passado domingo, na forma dos anos anteriores, a tradicional Romaria de Santo Antonino, que ali atraiu muitos romeiros, tendo-se também reunido, como habitualmente, diversas famílias num pique-nique, que decorreu bastante animado.

A festividade religiosa, com Missa Solene e Sermão, esteve brilhante.

Queimou-se bastante fogo do ar

Com BAZILIDA não tem fumo; tem economia!

DESPEDIDA

Alberto Pereira Caldas, professor das Escolas Masculinas da V. O. T. de S. Francisco, desta cidade de Guimarães, comunica a todos os seus alunos e respeitáveis famílias que se despediu das mesmas, mas que continua dando explicações singulares a todos, desde que não estejam matriculados oficialmente pelo referido estabelecimento, salvo raríssimas excepções.

Falar na Foto Machado — Avenida D. Afonso Henriques — Guimarães. 546

Com BAZILIDA não tem fumo; tem economia!

S. A.

Assinal o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

Benjamim Ferreira parte para Africa

Ao Jantar de homenagem ao nosso estimado conterrâneo Sr. Benjamim de Castro Alves Ferreira e que se realizou no dia 1 do corrente, conforme noticiámos, presidiu o respeitável vimaranense professor José Luís de Pina, que tinha à sua direita o homenageado e os srs. Dr. José Pinto Rodrigues, Manuel de Castro Ferreira, presidente do Sindicato N. dos Caixeiros; Laurentino Teixeira, Augusto Monteiro e Amadeu Guimarães, e à sua esquerda os srs. António Emilio Ribeiro, presidente do Grémio do Comércio; P.º Luís Gonzaga de Sousa da Fonseca, Jaime Ferreira Martins, António da Fonseca Ferreira, presidente da Comissão da Marcha Gualteriana e António de Sousa Lima.

Na altura dos brindes falaram os srs. Manuel de Castro Ferreira, que se referiu aos inestimáveis serviços prestados à classe e, de um modo especial, à Marcha Gualteriana, pelo homenageado, cujas qualidades enalteceu; António da Fonseca Ferreira que, parafrazando o Poeta que disse

Eu não gosto nem brincando, dizer adeus a ninguém.....

manifestou a grande mágoa de todos os componentes da «Marcha», ao verem partir para bem longe aquele que foi orientador competente e companheiro dedicado de todos esses anónimos «obreiros». E concluiu:

Quando contemples na praia africana as ondas do mar a espraíarem-se pela areia, quer esteja o mar bonançoso ou em fúria com as suas ondas encapeladas, vê nelas as nossas mensageiras portadoras da amizade que te dedicamos, dando-te notícias, dizendo que a Marcha que tanto amaste não morrerá jamais e que neste lado da Europa, onde a terra acaba e o mar começa, estamos todos presentes contigo, porque,

Eu não gosto nem brincando, dizer adeus a ninguém.....;

António Emilio Ribeiro, que se referiu aos serviços prestados por Benjamim Ferreira às Festas da Cidade, na organização da famosa Marcha, entecendo o seu carácter e qualidades de trabalho e de bairrismo, tantas vezes postas à prova; Dr. José Pinto Rodrigues, que fez uma interessante evocação de tempos passados, recordando o célebre grupo Pro-Vimaranense que se fundou em 1926 e que a Guimarães prestou relevantes serviços. Depois falou do Professor José de Pina, ali presente, dirigindo-lhe palavras de muita admiração e afirmando que, velho embora, na idade, ele continua a ser moço no amparo que dá à mocidade. Recordou, ainda, os tempos passados no Liceu desta cidade, onde José de Pina era Reitor, após o que se referiu a Benjamim Ferreira, dizendo-lhe da sua muita estima e afecto e fazendo votos pelas suas prosperidades. Falaram ainda, seguidamente, os srs. Aurélio Ferra, Telémaco João Vaz, que representava o industrial de Vizela, sr. Joaquim de Sousa Oliveira e António de Sousa Lima.

Por último o homenageado agradeceu. Fez algumas considerações sobre aquela manifestação de amizade e afirmou ao Mestre José de Pina o seu muito apreço.

Falando sobre a Marcha Gualteriana, Benjamim Ferreira disse que ela já não pertence aos Caixeiros, mas sim a Guimarães e afirmou: «Cumpra aos Vimaranenses auxiliar a sua realização». Terminou pedindo a todos os seus amigos e amigos de Guimarães para colaborar, sempre que possam, na Marcha, para que lá fora, longe embora da sua terra, possa sentir-se orgulhoso ao saber que esse belo número se mantém, cada vez melhor e mais bonito.

No decorrer do jantar foram lidos bastantes telegramas de pessoas que, não podendo estar presentes, quiseram associar-se a tão justa consagração.

No domingo e promovida pela Sociedade Columbófila Vimaranense, a que Benjamim Ferreira prestou também assinalados serviços, realizou-se uma homenagem. Na sede da Sociedade teve lugar uma sessão solene, sendo descerrado o retrato do homenageado e feito o seu elogio por alguns oradores. Seguidamente e na Estância da

Penha efectuou-se um almoço, a que assistiram algumas dezenas de columbófilos vimaranenses e que decorreu num ambiente de franca camaradagem, tendo sido enaltecidas, na altura própria e por vários dos convivas, as apreciáveis qualidades de Benjamim Ferreira e focada a sua acção como membro do Conselho Técnico da Sociedade.

Também na terça-feira à noite, e num restaurante desta cidade, os anónimos «obreiros» da Marcha Gualteriana quiseram despedir-se do seu amigo e incansável orientador sr. Benjamim Ferreira, no decorrer de um jantar, que os reuniu numa significativa afirmação de camaradagem. E no decorrer de tão expressiva consagração, ofereceram ao homenageado uma formosa miniatura do carro «Bodas de Ouro», trabalho esse que nos foi dado apreciar e bem revela o temperamento artístico dos anónimos artífices. Bem merecedores dos nossos aplausos.

UMA CARTA

do Sr. Comandante João de Paiva

Continuação da 1.ª página

As respostas que nos deram o Ministro e o Chefe do Estado Maior foram idênticas: «o Governo poderia pensar em uma nova reorganização do Exército, e a pretensão teria então oportunidade de ser devidamente estudada». Tênué esperança, sem dúvida, para lenitivo da «tristeza» vimaranense; mas certo é também haver ficado a porta aberta para novas diligências, cujo feliz desfecho podemos agora celebrar.

Como este, outros episódios haveria lugar a referir, a propósito da luta, que vem de muito longe, pelo bem da Grei vimaranense. Em vários deles estive directamente envolvido, lado a lado com personalidades dedicadas a esta terra, cujos nomes me seria grato evocar aqui. Não desejo, todavia, correr o risco de qualquer omissão menos justa, embora involuntária. Por isso me limito a repetir a frase que há dias ouvi da boca do nosso ilustre Presidente da Câmara, sr. dr. Castro Ferreira: «Todos estamos de parabéns». Efectivamente assim o entendendo, estamos todos de parabéns, — desde a «culminância» do Poder até ao mais modesto vimaranense.

E já que de interesses regionais estamos falando, permita-me ainda, sr. Director, que do meu retiro de Carvalho d'Arca, onde tão bem me sinto, eu lance os olhos para um círculo mais restrito e formule o voto de que não venha a tardar muito a hora da risonha e importante freguesia de Polvoreira — uma das parcelas componentes, e talvez das não menos valiosas, deste nosso amado concelho de Guimarães.

Também Polvoreira tem as suas aspirações e pretende sair do marasmo em que tem vivido. Cerca de 500 crianças aguardam edifícios escolares condignos; bairros populosos clamam por água e luz; a estrada de Covas para a Penha, uma das mais belas do concelho, e com marcado interesse turístico, exhibe tristemente (dizei mesmo, vergonhosamente) a necessidade de urgentes reparações. E poderia prosseguir...

Se ao menos soubéssemos como cair nas graças de S. Torcato!... Mas parece que não chega até estas esquecidas paragens a milagrosa influência do Santo. Cá continuaremos, no entanto, «a pedir como cegos», fiados em que também Polvoreira há-de vir a participar no progresso geral da região vimaranense.

Sr. Director: vão já longas estas linhas e só a muita bondade de V. ... de que não desejaria abusar, poderá consentir em dar-lhes publicidade. Agradecendo desde já o acolhimento que V. ... queira dispensar-lhes, peço-lhe me creia com toda a consideração

De V. ...

Amigo muito obrigado

João de Paiva de Faria
Leite Brandão.

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e má digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

ECOS

Em dois lugares distintos, inseridos neste jornal no passado dia 2, verberava-se com indignação contra o uso e abuso da linguagem obscena, que por toda a parte constantemente se ouve.

Desde o homem de gravata e de fato de bom pano, ao homem de pé descalço e de fato de cotim; desde a mulher de idade, à rapariga donairoza; o palavrão desbragado e soez, é a expressão habitual que sem recato, é proferida com uma licenciosidade apavorante. Atinge tal incremento, que um dia caminhando atrás de um grupo de meninas escolares, a sua conversação era intercalada com termos duma obscenidade sem nome, que nos deixaram espantado. Pareciam um grupo de sardinheiras discutindo entre si!

E' tal o costume, que até se ouvem mães chamar a seus próprios filhos, aquilo que uma mulher honesta seria incapaz de consentir sem uma justa e feroz desafortunada!

Perante esta linguagem de taberna ou de alcove, que liberta de cobro, conspira por toda a parte, é necessário criar-lhe fortes barreiras, para suster esta desenfreada onda de má criação que denuncia, claramente, o baixo nível que atingiu a decadência moral que atravessamos. Basta, para a suster, que as autoridades ponham em execução o Código de Posturas, devidamente actualizado quanto ao montante das multas e determinar o severo cumprimento das suas disposições, e submeter os infractores, ou melhor os malcriados, a um Tribunal de Pequenos Delitos para imediato julgamento. Livrar-nos dessa vergonhosa linguagem e dar inteira colaboração às autoridades na repressão desse desaforo, é dever que se impõe a todos os vimaranenses.

O bom nome de Guimarães não pode ser ofendido pelos desmandos duma má educação que se expande, sem peias, como em terreno conquistado, por falta dum enérgica e necessária repressão.

Temos conhecimento de que as necessidades urgentes da Santa Casa da Misericórdia, já referidas nestes «Ecos», caminham para uma solução definitiva que lhe permitirá alargar o âmbito da sua acção benemerita, socorrendo os que necessitam de tratamento dos seus males.

A dificuldade maior, residia na falta de espaço para hospitalizar os doentes precisados de internamento, que as instalações actuais, por exiguas, não permitem, em virtude do Hospital ser demasiado pequeno para uma população avultada.

Para resolver este grave problema, tem a sua dedicada Mesa enviado todos os esforços, cujos êxitos vamos enumerar:

— Está prometida, e encontra-se presentemente em estudo, a ampliação do Hospital, por intermédio da Comissão de Construções Hospitalares, do qual deverá constar um bloco cirúrgico, enfermarias privativas para doentes tuberculosos, enfermarias para crianças, maternidade, etc. Os serviços administrativos da Misericórdia serão instalados em outras dependências mais próprias, desaparecendo as actuais, que só pela força das circunstâncias se pode tolerar a sua existência.

Ao efectivar-se esta ampliação, a Santa Casa ficará em condições de melhor desempenhar as suas caridosas funções e atingir o seu objectivo principal: — dotar a cidade e o concelho com um Hospital suficiente.

No entanto e no desejo de melhorar os serviços, ainda no ano corrente, serão inauguradas as seguintes benemeritas: um fogão isotérmico com forno para pão de milho e de trigo, com estufa para secagem de roupas, estufa com prateleiras para a conservação das comidas quentes e com um depósito para dois mil litros de água, que também abastece os quartos particulares; uma enfermaria-abrigo para homens e um Laboratório de Análises e Posto de transfusão de sangue, desaparecendo assim as deficiências destes serviços.

E' com a maior satisfação que

Pelo Ensino

Previnem-se todos os pais ou encarregados da educação, de que se desejarem matricular os seus filhos nas Escolas da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, desta cidade, o devem fazer em todos os dias úteis, desde o dia 15 até ao dia 30 do corrente mês.

Para tal deverão dirigir-se à Secretaria daquela Instituição, onde lhes serão prestados todos os esclarecimentos.

E' de supor que, atentas as bellissimas instalações escolares a inaugurar nos princípios de Outubro e os bons resultados obtidos nos anos anteriores, aumente consideravelmente o número de alunos das velhas e acreditadas Escolas daquela Venerável Ordem.

tornamos público estes importantes melhoramentos e oxalá que as obras da ampliação não demorem a iniciar-se, para complemento de uma necessidade vital que não pode ser protelada.

As deficiências actuais ficarão assim resolvidas, e a acção hospitalar ganhará a precisa amplitude, dando a todos a garantia de que as suas enfermidades podem ter devido tratamento e conveniente assistência, sem terem de recorrer a meios distantes, de tal forma onerosos que a doença, hoje em dia, é um luxo que só a bolsa de milionários pode satisfazer, tornando inacreditável, e até inconcebível, que haja no mundo países onde os serviços de saúde são gratuitos, para pobres e ricos!

Pela persistência e pelos esforços da actual Mesa da Santa Casa da Misericórdia, se devem os melhoramentos que o Hospital está a receber, e por isso é digna e merecedora dos nossos respeitos e credora do reconhecimento geral.

A.

VISITAS

a Portugal Ultramarino

Continuação da 1.ª página

vés dos séculos se tem firmado em todos os recantos do mundo e se continua a firmar ainda em todas as parcelas de Portugal Continental e Ultramarino.

Bem haja, pois, o nosso Governo na medida acertada que tem levado a cabo nas nossas provincias ultramarinas.

Neste intercâmbio de visitas Sua Excelência o Presidente da República é o símbolo da Pátria, condensa a unidade nacional que se torna mais firme e é vivida mais intensamente pela população ultramarina, quer branca, quer indígena.

A prova é-nos dada pelas emissões da rádio e pelas notícias dos jornais. Tem sido fulgurantes essas manifestações mesmo nas regiões onde predomina o indígena.

Por sua vez Sua Excelência o General Craveiro Lopes tem sabido captar as simpatias, quer com a sua presença, quer com os seus vibrantes discursos, verdadeiros Hinos à Pátria querida.

As suas apreciações ao Moçambique de há 40 anos atrás, quando ali iniciou a sua carreira militar, e ao Moçambique de hoje, a sua mensagem de recordação histórica dos portugueses que em 4 séculos, ali, no ultramar africano, iniciaram e firmaram uma civilização, Homens, como um Mousinho de Albuquerque, que além de soldados soberam impôr-se como administradores dignos dos mais rasgados elogios.

Acção disciplinadora, de renovação social e de unidade nacional a missão do Presidente da República; mais que isso, acção de bom entendimento, de boa vizinhança, lá como cá, na Africa do Sul como na Europa.

Deste entendimento mútuo e cooperação entre os povos é que pode nascer o bem estar entre as nações e a Paz universal.

Continuemos assim fortalecendo a unidade nacional e os laços que nos unem às Nações vizinhas. Que Portugal continue a dar bons exemplos ao Mundo conturbado por tão diferentes ideais. Que o Governo de Salazar intensifique a unidade nacional e o entendimento e cooperação com o nosso Ultramar. Que seja intensificada com garantias a emigração continental para as nossas provincias do Ultramar.

Dadas as más condições internas provocadas pelo desemprego nas zonas fabris, seria de boa política dar as melhores facilidades de emigração, ou melhor, de deslocação às famílias portuguesas que se queiram instalar em qualquer uma das provincias ultramarinas. Esta medida traria certamente bem estar a muitas famílias e contribuiria para a missão civilizadora em que a Nação está empenhada.

Professores e regentes agregados

Avizam-se os srs. professores e regentes agregados de que a relação de vagas a prover, para o próximo ano lectivo, é afixada na Delegação Escolar no próximo dia 15.

Os requerimentos devem dar entrada, na Direcção Escolar, até ao dia 18.

Para completo conhecimento das instruções sobre este assunto, deverão dirigir-se à Delegação Escolar nos dias úteis, das 15 às 17 horas.

O Delegado Escolar,
J. Sepúlveda.

Encerramento de uma Exposição

Encerra-se amanhã a exposição «30 anos de Obras Públicas» neste concelho, aberta por iniciativa da Câmara Municipal, na Sociedade Martins Sarmento, por ocasião das Festas Gualterianas.

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

O helicóptero—Transporte do futuro

Depois do seu extraordinário desenvolvimento, atingindo proporções fantásticas em tempo absolutamente inverosímil, a Aviação parece ter atingido o cume do progresso com a conquista duma nova dimensão — o voo vertical. Para isso contribuiu o

O movimento vertical foi dos primeiros sonhos do Homem, inspirado no voo das aves e dos insectos. Desiludido com os resultados de uma série de tentativas audaciosas, o Homem passou a considerar o voo como atributo dos deuses, blas-

gasolina tornava possível o voo humano. Realizado, porém, com sucesso, o primeiro voo de um helicóptero com asas rotatórias, a história do voo tornar-se-ia diferente.

Os primeiros trinta anos deste século foram consumidos com tentativas de construção de aparelhos que pudessem elevar-se verticalmente no ar. Assim, surge em 1907 o helicóptero de Breguet, capaz de levantar voo com um piloto a bordo. O avião de asas rotativas era viável... Todavia, todos estes aparelhos primitivos eram instáveis e para garantia de segurança era necessário que o avião permanecesse ligado ao solo.

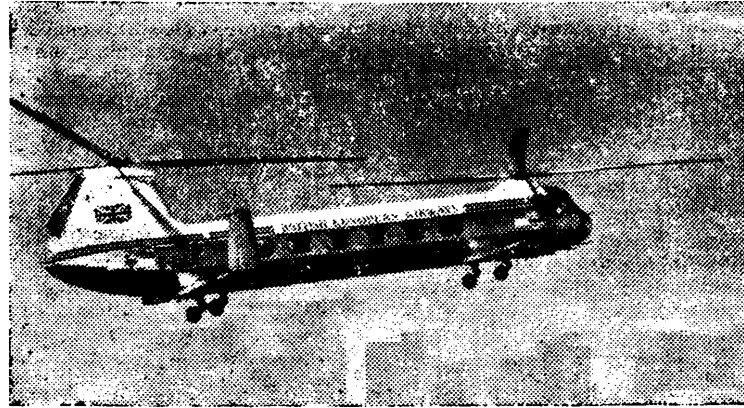
A estabilidade completa parecia difícil de conseguir. A rotação das pás forçava o corpo do aparelho a andar à roda em sentido contrário, dificuldade contrariada ou com a colocação de um pequeno rotor à retaguarda ou com a aplicação de dois jogos de motores principais, movendo-se em sentidos opostos. Juan de la Cierva, com o seu autogiro, resolveu o problema.

E em 1937 foi anunciado o primeiro helicóptero realmente eficiente — o Foch-Achgelis — que assombrou toda a gente quando Hane Reitech voou nele sobre o Estádio dos Desportos de Berlim. Por essa altura, outro pioneiro, Igor Sikorsky, que já trabalhava na invenção do helicóptero desde o princípio do século, alcançava amplo êxito na América. O engenheiro ganhava o aspecto e as características que tem hoje. Descolando e pousando verticalmente, pairando no ar, podendo fazer uma circunferência completa à volta do mesmo lugar, o helicóptero alcançava aperfeiçoamentos que ultrapassavam já o voo das aves.

Mais recentemente a evolução tem sido enorme! Um após outro, em frenética cadência, foram aparecendo o «British Bristol 171» do tipo monomotor, transportando três passageiros além do piloto; o «Air Horse» (cavalo do ar) que com os seus três rotores pode deslocar oito toneladas; o «Skeeter», de certa elegância e com dois lugares; e o «Gyrodyne» da Fairley Company que à velocidade de cerca de 200 quilómetros conquistou um record que ainda se mantém.

Os franceses constroem os primeiros helicópteros a propulsão por jacto que na América alcançaram

(Continua na 4.ª página)



O Bristol 193, equipado com dois motores de 150 HP cada, dispõe de lugar para 13 passageiros

engenhro de aspecto e proporções pré-históricas, hoje designado por helicóptero.

O PROBLEMA DO TRÂNSITO

Em contraste com as diligências poeirentas e morosas do tempo dos nossos avós, o frémito irresistível da velocidade varreu as últimas gerações e atirou-as para a conquista do Espaço e do Tempo.

Cada fracção de segundo dos últimos cinquenta anos representou um passo, um centímetro mais além. Ultrapassaram-se barreiras julgadas inacessíveis e nada já hoje detém a

ânsia constante de cada vez mais e mais velocidade. As novas gerações nasceram já na voragem dos tantos quilómetros por hora, indiferentes ao perigo, à prudência, ao bom senso.

O desfilhar desenfreado dos motores pelas estradas e pelas ruas é parte integrante do cenário em que vivemos e a frequência das suas consequências trágicas vai-

-nos endurecendo os nervos e adormecendo os sentidos.

Ao desinteresse, à indisciplina, é necessário opor uma influência eficaz no sentido de que todos sintam, bem definida, a medida das suas responsabilidades e se tornem, cada um no seu campo, paladinos da luta que urge travar pela segurança no trânsito.

Dentro deste propósito e numa tentativa de colaborar com os meritorios esforços das actividades que zelam pela segurança colectiva, realiza a Shell Portuguesa as suas já populares exposições de trânsito, sob o patrocínio da Polícia de Segurança Pública, do Diário de Notícias e do Automóvel Clube de Portugal, e que, apresentadas embora com uma feição amena e risonha, constituem útil e indispensável lição de realidade.

Por outro lado, consciente da necessidade de criar nas camadas jovens uma mentalidade respeitadora das regras do trânsito e de, simultaneamente, advertir os adultos do perigo em que incorrem quando menosprezam também essas regras, inicia nesta «Panorâmica» a publicação de alguns valiosos conselhos aos senhores peões e automobilistas.

O lugar do peão é no passeio. A rua é reservada aos automóveis, motocicletas, autocarros, bicicletas, «scototers» e, enfim, a todos os veículos. Mas... para quem anda a pé, é preferível manter uma distância razoável da borda do passeio, principalmente quando o trânsito vem de trás, na mesma direcção e do mesmo lado.

femando sempre contra os que tentassem alcançar as estrelas.

Isso, porém, não arrefeceu o entusiasmo dos sábios — o génio de Leonardo de Vinci havia de legar a «asa rotativa» de tão amplas repercussões na conquista do espaço.

Dois séculos e meio depois da morte de Leonardo de Vinci, o inglês George Cayley idealizava uma ventoinha voadora, inspirada em anteriores trabalhos dos franceses Lannoy e Biennu que a Academia de Ciências de Paris recebera jubilosamente. Estava demonstrado que as pás de uma asa ou hélice, colocadas segundo um certo ângulo e quando postas em movimento, produzem o voo!

Cayley deu ao Mundo os primeiros planos de um helicóptero capaz de transportar o Homem: a «carruagem aérea». A orientação por ele seguida foi continuada por muitos outros no decorrer de todo o século dezanove. A todos, no entanto, faltou um motor suficientemente leve e potente. E, no fim do último século, homens como Pontou d'Amecourt e Forlanini tentaram adaptar máquinas a vapor à aviação, embora sem êxito.

Outros, especialmente os irmãos Wright, estavam a trabalhar em aeroplanos de asas fixas, conquanto a asa móvel conservasse os seus defensores. Em 1903, o motor a

SERVINDO A LAVOURA

CARO LAVRADOR:



Há dias, fui encontrar um teu colega muito aborrecido na sua propriedade com um problema que nesta altura do ano apouqueta muita gente — o problema das águas. O caso não era para menos e foi o seguinte:

Pretendeu esse teu colega substituir o sistema de elevação de água muito antiquado que tinha num poço, por um mais moderno, mais cómodo e de maior rendimento, aproveitando a água de elevação não só para a rega da horta como também para abastecimento da moradia da quinta, situada mais distante e num nível mais elevado.

Tudo parecia funcionar satisfatoriamente no que respeita à água para a rega mas, na direcção da casa, ela não chegava a um quarto do caminho.

Procurei conhecer os pormenores da instalação para poder perceber as causas da ineficácia do sistema o que, aliás, me pareceu bastante estranho.

Na realidade, tudo se encontrava mal calculado e, por consequência, desequilibrado; a tubagem para a elevação da água até à habitação era muito estreita e cheia de cotovelos, o que conduzia a um aumento daquilo que em mecânica de líquidos se chama «perda de carga» e que, na prática, corresponde a uma diminuição de rendimento, isto é, menos água; a altura de aspiração era demasiada porque tinha sido aproveitada ao máximo; o diâmetro do tubo de aspiração não era bastante grande; a bomba não tinha capacidade suficiente e o motor era pouco rotativo. Uma única coisa estava certa



para o fim que se pretendia alcançar: era a potência do motor e, por conseguinte, o consumo de energia! Tudo parecia ter sido feito por um amador ou por pessoa insuficientemente esclarecida ou mal informada.

Este tipo de precalço pode custar muito caro e a economia das explorações agrícolas não os suporta por vezes muito bem... Um facto que é absolutamente certo é que não se pode ser carpinteiro, sapatiteiro, engenheiro, advogado, médico, etc., sem se ter aprendido o bastante para exercer aquelas profissões; mas, no entanto, e muito erradamente, quase toda a gente julga que se pode ser agricultor sem ter estudado Agricultura. Por isso, a profissão de agricultor é a que mais amadorismo suporta, mas é certamente também aquela em que se regista maior número de insucessos.

Caro Lavrador, quando pretendes substituir os teus velhos processos, que usas de longa data na tua propriedade, por outros mais modernos, que o progresso da técnica pôs à tua disposição para te aumentar o rendimento com menor cansaça, não o faças de ânimo leve. Procura primeiro um bom conselheiro e, se precisares de recorrer a uma organização comercial, escolhe uma que disponha de assistência técnica competente, apoiada em larga experiência.

M.



Usos e costumes do Minho

Para ver-se e sentir-se a grei minhota, não há como surpreendê-la numa das inúmeras feiras da província, e, depois, observá-la nas festivas fainas da sua lavoura.

O trabalho aligeira-se com os cantares alegres, e a prática de velhas costumesiras tradicionais. Se nestas tarefas do terreiro ou da eira, os minhotos apenas se vestem da sua jovialidade, dispensando os atavios do bragal, nas romarias e nas feiras, todos os seus luxos são chamados a capítulo. A Senhora da Agonia, em Viana, é uma parada de sumptuária popular, de uma policromia e de uma riqueza singulares. Os trajes verdes, vermelhos, pretos das camponesas do arredor de Viana, bordados de retzozes, lantejoulas e vidrilhos, camisas e lenços bordados de linha de cor, oiros a constelar os peitos femininos, só de por si fazem um espectáculo para os olhos. A serguilha, o burel, a estopa, a branqueta ajuda entrajam os homens, e sargaceiros, jangadeiros e barqueiros, dão uma nota diferente nesses congressos de devoção e de festa. Aparecem as croças de palha, as polainas grosseiras, as avarcas e os velhos carapuços serranos, e o mulherio enjeita as policromias ricas dos trajes à Vianesa, mas não perde o carácter da pitoresca sumptuária popular.

A arte popular vive da mesma maneira numa teimosia, intervindo na decoração dos utensílios de tra-

balho, no labor dos jugos, nos desenhos dos bordados do vestuário. E a música e o canto ingressam, igualmente, no regime de teimosia etnográfica. As orquestras rústicas continuam, com os Zés P'reiras, a marcar os passos do Vira, do Verde-Gaio, do Pai-Ladrão, da Cana-Verde, do Malhão e das Varcas, e a acompanhar as vozes destas canções centenárias.

Apesar da sua sobriedade, o minhoto, em tempo de festa, alarga as suas ambições e os seus apetites. O caldo-verde e a malga de vinho, as couves, a sopa de unto, o bacalhau dos tempos de trabalho, substituem-se então por aprimorados pitús, e vem o sarrabulho, as canjas, a aletria, o arroz-doce, as rabanadas e as cabidelas. Para o forasteiro aconselha-se a prova das «frigidadeiras» de Braga, a dos doces do antigo Convento dos Remédios, dos folares da Páscoa, das regueifas doces, das guloseimas conventuais que resistiram à invasão dos conserveiros franceses, e que se encontram em quase toda a província. E se a sorte lhes permitir assistir a um jantar de baptizado, de Missa Nova, a uma refeição dada a Mordomo ou a Padre Pregador, pasmarão da mesa e dos pitús em que a arte de Lúculo se encontra posta em versão popular.

(Do folheto Minho, da série «Terras Portuguesas», edição Shell).

AVENTAL-PEGA PARA COZINHA

Em everglaze amarelo e com um tecido estampado, lavável, e de cores fixas. Corte um pedaço de tecido com 75 cms. de comprimento por 60 de largura, faça uma bainha à volta, e una, na cintura, uma tira de tecido estampado, com 7,5 cms. de largo, suficientemente comprida para poder fazer um laço atrás. Corte, separadamente, uma tira com 75 cms. de comprimento e



17 de largo que ficará cosida ao avental somente na cintura. Na extremidade interior dessa tira, coser um quadrado previamente acolchoado, com 17 cms. de lado (a pega). Guarneça o avental com espiguiha, e ficará com uma peça de muita utilidade na cozinha.

MISCELÂNEA

Inspiração aérea

Esgotadas todas as gamas de ineditismo em penteados de senhoras, eis que Guillaume, o já famoso cabeleireiro parisiense, teve, recentemente, uma nova «inspiração», desta vez... aérea.

Foi o caso que aquele «Fíguro», ia a caminho de Nova Iorque, num «Constellation», quando, de súbito, ao contemplar as nuvens, com as suas suaves camadas de arminho, pensou no que seria uma linda cabeça de rapariga penteada segundo as linhas caprichosas do tapete que tinha a seus pés...

Para não perder tão maravilhosa «visão», conseguiu que uma das passageiras — uma miss Mónica que viajava com os avós — se dispusesse ali mesmo a ser penteada segundo a «inspiração aérea». E daí nasceu um penteado que se espera venha a transformar-se na «coqueluche» do género para 1957, e que se denomina poeticamente «Diabinho caído do céu». Aos trambulhões, claro está.

Eterna sabedoria

Joseph Ebrstadt, que completou há pouco cem anos e sempre viveu na buliçosa Nova Iorque, perdeu agora a esposa junto de quem disfrutou de setenta e cinco anos de completa felicidade conjugal, sem uma única discussão, arrufo, amuo, zanga ou tabefe.

Interrogado por um jornalista que lhe perguntou qual tinha sido o seu segredo para conseguir tal perfeição, retorquiu:

— Para não haver aborrecimentos, a receita é simples: saber estar calado quando é preciso.

Um paraíso atlântico

A ilha da Ascensão, descoberta pelos portugueses em 1501, manteve-se desabitada durante longos anos até que, iniciado o cativerio de Bonaparte em Santa Helena, a Grã-Bretanha ali deliberou instalar uma guarnição. Pretendia, assim, evitar que a ilha fosse utilizada como provável base de preparativos para a fuga do imperador. Hoje, vivem em Ascensão apenas cinquenta europeus, os quais gozam de um privilégio raro no Mundo — não pagam impostos. Por outro lado, quando querem abater um carneiro, comer deliciosos ovos de aves marinhas ou apanhar uma tartaruga para preparar excelente sopa, não têm mais que dar uma volta pela ilha, pois há de tudo isso, à vontade, sem que seja necessário desembolsar um centavo.

Os progressos da indústria de produtos químicos

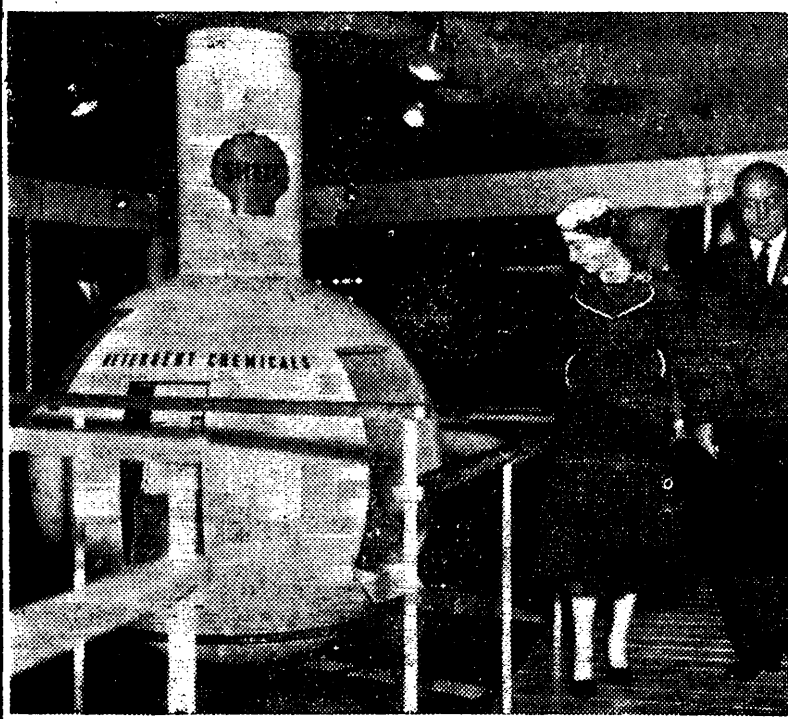
Foi a Shell que, há cerca de vinte e oito anos, iniciou, nos Estados Unidos, o fabrico de produtos químicos derivados do petróleo. Os prementes necessidades da segunda guerra mundial estimularam fortemente o desenvolvimento desta indústria, que continuou a progredir rapidamente nos anos subsequentes. Ainda hoje, cerca de 3/4 partes do total de produtos químicos orgânicos fabricados nos E. U. A. são derivados do petróleo, resultado este que se deve, em grande parte, à actividade desenvolvida pela Shell.

Na América do Norte, a fase inicial das actividades daquela organização no campo dos produtos quí-

micos resumia-se à fabricação de fertilizantes e dissolventes orgânicos, dos quais o Grupo Royal Dutch / Shell se tornou actualmente um dos maiores produtores. Gradualmente, a gama dos produtos foi aumentando, e incluí já álcoois, acetonas, resinas sintéticas, enxofre, insecticidas e glicerina sintética.

A Shell Chemical Corporation, que foi a primeira no mundo a construir uma fábrica de glicerina sintética (em Houston—Texas), assistiz hoje cerca de 1/3 das necessidades totais daquele produto nos E. U. A. Em Torrance (Califórnia) as fábricas de borracha sintética fo-

(Continua na 4.ª página)



A Rainha Isabel visita o Stand da Shell na Secção de Químicos da Feira das Indústrias Britânicas, de 1956

Um novo académico brasileiro

A Academia Brasileira de Letras elegeu um novo académico a fim de preencher a vaga da cadeira número 34, de que é patrono Sousa Caldas e que já foi ocupada por Rio Branco, por Lauro Muller e, ultimamente, pelo arcebispo D. Aquino Correia. Foi escolhido o escritor e jornalista Raimundo Magalhães Junior, que teve 20 votos, contra 13 dados a Paulo Pinheiro Chagas, 2 a Adolfo Morales de los Rios Filho e 1 ao poeta Ernani Lopes. A eleição só teve um escrutínio.

Raimundo Magalhães Junior é um dos mais prestigiosos intelectuais brasileiros da actualidade, com uma obra que se impõe pela quantidade e pela qualidade. Nasceu, em 1907, na cidade de Ubajara, no Ceará, e cursou Humanidades em Campos. Depois iniciou no Rio de Janeiro a sua carreira de escritor e de jornalista. Em 1934 publicou o seu primeiro livro, um livro de contos com o título *Impróprio para menores*, a que se seguiu um outro volume de pequenas histórias, *Fuga e outros contos*. Em 1938 estreou-se como autor teatral. São muitas, já, as suas peças representadas, algumas delas premiadas em concursos.

Canção dentro do pão conquistou o prémio «Governador de São Paulo» e o prémio «Saci», criado pelo diário *O Estado de São Paulo*, para a melhor peça de teatro de 1954.

A Academia Brasileira de Letras, que passou a contá-lo entre os seus imortais, já tinha premiado quatro vezes o novo académico: duas vezes em concursos de Teatro; outra para galardoar o ensaio *Machado de Assis desconhecido*, uma das mais notáveis obras de Raimundo Magalhães; e outra para um volume de crónicas.

Entre os últimos trabalhos de Raimundo Magalhães Junior contam-se uma biografia de Artur Azevedo, o ensaio *Três panfletários do Império*, *O capitão dos Andes* e três antologias de Machado de Assis. No prelo: um volume de cerca de 800 páginas com uma biografia — *Deodoro, a espada contra o Império*, em que é estudado de novos pontos de vista o marechal Deodoro da Fonseca.

A actividade do novo académico é surpreendente e tem-se dividido pelo Teatro, pelas Letras, pelo Jornalismo e pela Política. Preside à Sociedade dos Autores de Teatro e ocupa uma cadeira na Câmara de

Vereadores do Rio de Janeiro. Colabora quase diariamente em vários jornais.

É interessante recordar-se que, ainda recentemente, Raimundo Magalhães Junior desistiu da sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, quando soube que também era candidato o escritor Álvaro Lins, o autor da *História Literária de Eça de Queirós* e, em breve, embaixador do Brasil em Lisboa.

O gesto, elegante, destituído de qualquer compromisso, aumentou o prestígio do novo académico. Álvaro Lins, evocando o facto, comentou: — «Agora, por isso, é maior a minha alegria ao vê-lo entre os meus companheiros de Academia, escolhido numa bela eleição consagrada dos seus méritos literários e de grande trabalhador intelectual».

O académico Barbosa Lima classificou Magalhães Junior como «um dos maiores trabalhadores literários do Brasil».

José Condé recolheu, na sua secção «Escritores e Livros» do *Correio da Manhã*, entre outras, as seguintes declarações:

Do poeta Cassiano Ricardo: — «A Casa de Machado de Assis acaba de fazer uma bela escolha. Trata-se de uma vitória tanto para a nossa casa como para a inteligência brasileira».

Do poeta Adelmar Tavares: — «Foi uma das grandes vitórias da Academia a eleição de Raimundo Magalhães Junior».

De Austregésilo de Ataíde: — «A Academia escolheu o candidato que correspondia aos títulos reclamados para a consagração da imortalidade. Raimundo Magalhães Junior continuará na Casa de Machado de Assis a grande obra literária que vem realizando lá fora e que justifica a laurea que acaba de receber».

O poeta Ernani Lopes, consagrado autor de *Poesia, Arte, Bom Senso*, teve, como acima dissemos, um voto a seu favor. Um jornalista descobriu que o poeta dirigira a cada um dos académicos uma mensagem em verso, solicitando o voto para ser eleito «imortal». E fazia uma promessa, também em verso: a de que depressa deixaria para outrem a vaga que fosse ocupar na Academia. Conseguiu um voto — que atribuiu ao ministro Maurício de Medeiros.

AVÉ IZILDINHA—O ANJO DO SENHOR

Seis horas da tarde

Quando à tardinha o Sol desaparece no hemisfério, para os lados do ocidente, a claridade, pouco a pouco, perde a sua intensidade, anunciando o fim do dia e a aproximação da noite. Os ponteiros dos relógios escrevem nos mostradores uma vertical indicando que é finda a jornada de trabalho imposta pela necessidade da vida humana.

Não obstante, permanecem nos seus postos todos os trabalhadores para ultimar as suas tarefas. Enquanto a ampulheta do tempo corre os últimos instantes do dia, a Natureza vai desdobrando sobre a face da terra, uma ténua e transparente cortina de luz violácea que baixa gradativamente.

Seria para todos os mortais esclarecidos pela espiritualidade, um momento de pausa, de recolhimento e de elevação emocional da mente na direcção do Alto, em busca do contacto emotivo com o Criador de todas as coisas que a Terra e os céus encerram, como a própria Natureza nos induz, criando em todos os seus movimentos, o repente de um hiato vestido de prece e de veneração.

Acentua-se neste instante que é o limite indeciso entre o dia e a noite, a hora santificada da Ave Maria, a nuance mais apurada do azul ferrete que é a cor própria da violeta, a bela e perfumada florinha que exemplifica, nas suas pétalas, o seu aroma, a encantadora expressão da modestia e da humildade.

Tudo indica o significado da cor que a luz assume, que o crepúsculo envolve algo de sobrenatural, pondo na nossa mente e nos nossos corações a magia mística da fé e da crença.

Então, abramos o escrínio da nossa alma, qual violeta espiritual, para que dele se evolva para o infinito a essência mais aromática dos nossos sentimentos cristãos, uma prece a Izildinha «O Anjo do Senhor», para que ela, recebendo-a em seu coraçãozinho miraculoso, a bendiga e a deponha no altar de Deus, intercedendo por nós, para que sejam abençoadas por todo o sempre as nossas jornadas de trabalho, as nossas famílias, os nossos semelhantes, os nossos lares.



Menina "IZILDINHA" O Anjo do Senhor

ções a magia mística da fé e da crença.

Então, abramos o escrínio da nossa alma, qual violeta espiritual, para que dele se evolva para o infinito a essência mais aromática dos nossos sentimentos cristãos, uma prece a Izildinha «O Anjo do Senhor», para que ela, recebendo-a em seu coraçãozinho miraculoso, a bendiga e a deponha no altar de Deus, intercedendo por nós, para que sejam abençoadas por todo o sempre as nossas jornadas de trabalho, as nossas famílias, os nossos semelhantes, os nossos lares.

GRAÇAS

Rosa Laguarda, residente na rua Frei Gaspar, 1.270, São Paulo, ficou curada de forte dor de estômago, após ter pedido a protecção de Izildinha; Edméa Goes, residente na rua Dr. Bianchi Bertoldi, 118, São Paulo, agradece a graça da cura de sua filha que estava com o corpo cheio de feridas; Etelvina Camargo, residente à rua Herculano, 9, São Paulo, recebeu a graça da cura de sua mãe que estava para ser operada e com o auxílio de Izildinha sarou sem operação; Maria Cesária dos Santos, residente na rua Estrada de Sacopemba, S. Paulo, agradece a graça da cura de seu irmão que estava com o cérebro fraco; Maria de

Lourdes, residente na rua Frei da Silva, 372, São Paulo, sob a protecção de Izildinha foi feliz na melindrosa operação do seio; Marcina Silva, residente à rua José Almeida Camargo, 201, São Paulo, recebeu a graça da cura de seu filho que sofria ataques; Wilma Ribeiro, residente na Vila Buenos Aires, São Paulo, sob a protecção de Izildinha, ficou curada de paralisia no braço; Teresa de Jesus, residente na rua Francisco Leitão, 439, São Paulo, agradece a graça que seu filho de 39 anos era surdo e com seu pedido a Izildinha ficou completamente curado.

Na nossa Redacção e na Livraria L. Oliveira & C.^a pode ser adquirido pelo preço de 5000 o interessante livro da autoria de Pedro Nuno — «IZILDINHA, O ANJO DO SENHOR» — SUA VIDA — SEU AMBIENTE — SUA ÉPOCA — de 374 páginas e farta ilustração fotográfica, do qual pelo autor nos foi oferecido um lote com fins beneficentes. Destina-se todo o produto à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

Quinzenalmente publicaremos as Crónicas, a 19.^a das quais se publica hoje, relacionadas com a Vida de IZILDINHA, que viveu e morreu em Guimarães, mas cujo corpo foi levado mais tarde para São Paulo.

Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

Sessão de Mesa de 17 de Agosto de 1956

Sob a presidência do Ex.^{mo} Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Depois de aberta a sessão, foi tomado conhecimento do seguinte expediente:

— Offício do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos a comunicar que Sua Ex.^a o Senhor Subsecretário de Estado da Assistência Social autorizou, por despacho de 7 do corrente, a concessão do subsídio de 30.000\$00 para o equipamento da Enfermaria-Abrijo para homens. A Mesa resolveu agradecer.

— Depois de tomado conhecimento do expediente, a Mesa tratou de vários assuntos ligados aos interesses desta Instituição, entre os quais o da construção de um bairro de casas para pobres, já ventilados em sessões anteriores, e o referente ao benfeitor José Salgado Fernandes Guimarães.

— Exarou na acta um voto de pesar pelo falecimento da Irmã D. Júlia do Carmo Gonçalves de Oliveira (Ferra).

— Aprovou o Balancete do Coeffre, apresentado pelo Sr. Tesoureiro e verificou o cumprimento de todos os legados.

— Finalmente os Senhores Provedor e Vice-Provedor comunicaram que se encontram ausentes durante o próximo mês de Setembro, razão porque ficava a exercer o cargo da Provedoria o Sr. Tenente Pedro Machado.

— Foram registados, com muito reconhecimento os seguintes donativos:

Dos Rev.^{ms} Párocos das freguesias de: S. Mamede de Aldão, 22 colmeiros de palha; S. João de Airão, 25 ditos; S. Lourenço de Selho, 35 idem; S. Romão de Mesão Frio, 22 idem.

Movimento hospitalar (referente ao mês de Julho)

Doentes internados, 219; dias de permanência, 3.426; consultas no Banco, 1.092; curativos nos diversos postos, 857; injeções aplicadas, 5.165; tratamentos de ginecologia, 95; tratamentos de agentes físicos, 509; operações de grande cirurgia, 87; operações de pequena cirurgia, 50; número de receitas abonadas a doentes externos, 969; banhos, 1.303.

Consultas de especialidades

Oftalmologia, 197; otorinolaringologia, 160; cardiologia, 5; tisiologia, 464; ortopedia, 24; análises clínicas, 302; exames radiológicos, 276; dermatologia, 26.

Enfermaria de partos

Doentes internadas, 49; crianças nascidas, 39.

DOS LIVROS

«Boletim de Trabalhos Históricos»

Recebemos os n.ºs 1-4 do Volume XVII do Boletim de Trabalhos Históricos do Arquivo Municipal — Alfredo Pimenta, que insere o seguinte sumário:

Para a História da Colegiada de Guimarães; a) Inquirições sobre a pureza do sangue; b) Visitações da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira da Villa de Guimarães; Cartas de Profissão e Obediência dos Frades do Mosteiro da Costa, de Guimarães, desde 1732 a 1831; Entradas dos Engeytados da Villa de Guimarães e seu termo, desde 1745 a 1850; Crónica ou Memórias da Real Congregação de N.ª S.ª da Conceição de Oliveira do Douro, dos anos de 1803 a 1805 e parte de 1806; Erratas.

NOTÍCIAS DO BRASIL

Um poeta português na Misericórdia do Rio

A Imprensa do Rio de Janeiro está a dedicar extraordinária atenção ao caso de António Botto, sem dúvida o poeta de hoje com maior audiência em Portugal. Desde o *Diário de Notícias* daquela capital, que proclama na sua primeira página: — «Esquecido numa enfermaria da Santa Casa o maior poeta vivo português» e, em reportagem a quatro colunas, diz qual é a presente situação do autor de *Curiosidades Estéticas*, até o *Semanário*, que lhe dedica toda uma página sob o título «O Poeta, a Misericórdia e uma Dália branca» — António Botto, um dos seis maiores poetas da nossa língua, pobre e doente num leito da Santa Casa», os jornais cariocais contam o que têm sido os últimos anos da vida do poeta e as causas das suas dificuldades actuais. O *Correio da Manhã* publicou, por sua vez, uma admirável crónica de Carlos Drummond de Andrade sobre o poeta português.

O *Semanário* inicia assim a sua reportagem:

«Em estado de quase miséria, com a saúde por um fio, está internado na St.^a Casa de Misericórdia aquele que é considerado um dos seis maiores poetas da língua portuguesa, em todos os tempos: António Botto. Encontra-se num leito da enfermaria 14, depois de ter sofrido, há seis meses, um derrame cerebral que o deixou quase paralítico por cerca de outros quatro.

«Esse homem, considerado legítimo sucessor de Fernando Pessoa (o Camões do século XX), elogiado por escritores como Unamuno, Pirandello, Kipling, veio para o Brasil tangido pela esperança que nos traz todos os portugueses, sejam simples carregadores, sejam poetas dos maiores. Mas Botto não foi feliz. Só encontrou no Brasil o prolongamento do que já sofrera em Portugal.

Conclui-se, entretanto, das informações da Imprensa brasileira, que, vítima de dificuldades económicas, António Botto nunca deixou de se ver rodeado do carinho de alguns intelectuais brasileiros, entre eles o poeta Carlos Drummond de Andrade, o prof. Niel Casões, do Colégio de D. Pedro II, os médicos Drs. Júlio Valença e Luciano Rosas, e o ministro Lafaiete de Andrade, director da Santa Casa da Misericórdia. Este último tem concedido ao poeta todas as atenções permitidas pelo regulamento daquele estabelecimento hospitalar. A esposa do poeta também está sempre a seu lado.

Um dos referidos jornais esclarece:

«António Botto, não obstante a sua fama universal, parece ter sido esquecido pela colónia portuguesa do Brasil, pois não se compreende que continue internado numa simples enfermaria da Santa Casa, possuindo, como possui, grandes fortunas em Portugal...»

E acrescenta:

«Quando do seu derrame, foi levado para a Beneficência Portuguesa e, ao terminar o dinheiro que tinha em seu poder, não mais permitiram que ali ficasse, tendo então solicitado ajuda ao provedor da Santa Casa, Sr. António Carlos Lafaiete de Andrade, seu amigo particular. Este tentou conseguir nessa casa de saúde um quarto particular, mas, como na ocasião não havia nenhum, ajuntou-o na enfermaria 18, até que apareceu local melhor. Vem sendo assistido pelo Dr. Valença e pelo Dr. Luciano Rosas, que se prontificara, inicialmente, a ceder seu próprio quarto ao poeta. Na mesma enfermaria se encontra a esposa de António Botto, Sr.^a Carminda Botto. António Botto, falando à reportagem sobre a sua saída da Beneficência Portuguesa, disse apenas esta frase:

— Viva o Brasil! Abaixo a Beneficência Portuguesa!»

Embora o estado do poeta já não seja desesperado, ainda fala e ouve com dificuldade. Os jornalistas fizeram-lhe muitas perguntas. E ele disse muitas coisas. Disse que tem no prelo, em Portugal, três livros novos e outros em preparativos de reedição. Falou de um livro de sonetos, a publicar, que considera importantíssimo no conjunto da sua obra. Referindo-se às amarguras sofridas no Brasil, afirmou que se transformaram em desilusões todas as coisas em que acreditou, principalmente as amizades — quase todas, — o que lhe causa grande mágoa, pois, antes de mais, é um homem que deseja ser essencialmente amigo». Sofreu muito em Niterói. Por muitas vidas que viva, nunca se esquecerá do que por lá passou.

Um jornalista escreveu:

— Sendo um dos poetas mais populares de Portugal, com um livro — *Canções* — incessantemente reeditado, não foi só a alma do povo que António Botto soube falar. Os eruditos, os herméticos, os difíceis, também gostam do que ele escreveu. Gostam, embora o não proclamem muito alto, uma vez que a luta

por um lugar ao sol é um facto indiscutível. A verdadeira grandeza de António Botto só virá à tona depois que ele se for.

Mais adiante:

— António Botto encontra-se agora na Santa Casa, não como indigente, mas pobre como todos os seus grandes antecessores. Pobre como Camões, por exemplo. O ambiente é pobre. Mas pode ver-se logo que é um poeta o que ali está. Basta ouvi-lo falar. Se se refere com tristeza à vida, que poderia ter sido melhor — como ele mesmo diz, — anima-se quando fala dos seus poemas...

As grandes gravuras publicadas em O *Semanário* aparecem com legendas expressivas. Numa delas, António Botto surge numa atitude de quem recita. Ao lado, estas palavras: — «Nem tudo está perdido. Se os amigos se foram — nem todos se foram, — resta a certeza de ter criado alguns dos mais belos poemas na língua de Camões». Noutra, com o poeta tendo ao lado sua esposa, diz-se: — «Sofreu como um verdadeiro poeta. Mas em todos os extremos da amargura teve um carinho de mulher a acompanhá-lo. A vida não lhe negou tudo. Reservou-lhe, talvez, o melhor». Uma terceira gravura, que nos mostra o poeta no seu quarto de hospital, tem a seguinte legenda: — «O quarto é pobre, o poeta é pobre, é pobre a jarra sobre a pobre mesinha. Mas, na jarra, flameja uma dália branca, brasão do poeta. A flor é beleza e beleza foi o que António Botto espalhou pelo mundo. Essa beleza, tanto os homens importantes — ou julgados importantes — quanto os pobres diabos a sentiram. Tanto que Botto, a par da glória que alcançou entre os intelectuais, teve seu livro *Canções* consagrado pelo gosto simples do povo, bússola que nunca se enganava».

Chegado há nove anos ao Brasil, António Botto ama o Brasil, e diz: — «Brasil, país que adoro. País que apaga de noite os erros que alguns homens praticam de dia, para aparecer pela madrugada completamente novo. País onde a liberdade é um rito e onde os homens possuem o melhor carácter do mundo. País onde tudo vai bem, pela maneira sentimental por... o seu povo encara a vida e as vicissitudes».

António Botto, apesar de tudo, tem projectos para o futuro. Tenciona escrever um livro com a colaboração de Cândido Portinari, livro que falará daqueles que admira: Camões, António Nobre, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Catulo da Paixão Cearense, a poetisa Gilca Machado e outros, escritores, poetas, jornalistas, artistas...

O *Diário de Notícias*, depois de citar a vasta bibliografia de António Botto, diz que o produto da venda dos livros do poeta não chega às suas mãos e atribui a responsabilidade desta situação a entidades oficiais, ao mesmo tempo que publica um apelo do Prof. Niel Casões, dirigido aos meios intelectuais do Brasil e à colónia portuguesa «no sentido de que voltem a sua atenção para o maior poeta vivo de Portugal, legítima glória da moderna poesia de língua portuguesa, cuja fama ultrapassou de há muito as fronteiras da sua pátria».

OS PROGRESSOS DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS QUÍMICOS

(Continuação da 3.ª página)

ram adquiridas ao governo, no princípio de 1955.

O incremento da indústria química do Grupo e as instalações de produtos químicos derivados do petróleo são, porém, mais recentes na Europa e em outras partes do Mundo.

Na Holanda e Inglaterra, localizam-se importantes centros de produção, mas também na França e Alemanha se construíram fábricas de produtos químicos. A este respeito pode também mencionar-se a instalação da Petrochemicals, Ltd., companhia adquirida no início de 1955.

É difícil enumerar todas as actividades do Grupo Royal Dutch/Shell no campo da Química, mas dá-se nota, seguidamente, de alguns dos seus aspectos mais importantes.

Para fazer face à crescente procura de detergentes sintéticos foi necessário construir ou aumentar as instalações para fabricação destes produtos em Stanlow (Inglaterra), Pernis (Holanda) e Petit Couronne (França). Na Europa Ocidental, os detergentes sintéticos satisfazem mais de 1/4 do mercado total de sabões e detergentes, no qual as Companhias do Grupo têm uma participação considerável.

Com a fabricação de cloreto de polivinilo, polietileno, borracha sintética e resinas «Epikote» (resinas «Epon» nos E. U. A.) o Grupo alargou os seus interesses no sector dos plásticos.

Desde os primeiros dias das suas actividades no campo da Química, Companhias do Grupo — dos dois lados do Atlântico — têm produzido fertilizantes. A primeira fábrica do Grupo para este fim foi a da MEKOG, na Holanda, e a produção fazia-se à base de gases produzidos em fornos de coque. A posição do Grupo do sector dos produtos químicos para a agricultura foi recentemente reforçada pela produção de insecticidas poderosos, como o Aldrin e Dieldrin.

A Indústria Química do Grupo Royal Dutch/Shell tornou-se, pois, numa actividade de primeira grandeza, cuja expansão não cessará, dados os crescentes interesses criados nos mais diversos campos. Esta subida de importância reflecte-se directamente no número de fábricas de produtos químicos, que aumenta extraordinariamente desde 1946, e na tonelagem vendida, que é quase cinco vezes maior do que a de há dez anos.

O HELICÓPTERO

(Continuação da 3.ª página)

largo desenvolvimento. Os modelos «Sikorski», «Piasechi» e outros, que cruzam já o espaço em todos os sentidos, deixaram de parecer engenhos arrancados às páginas de Júlio Verne ou H. G. Wells e constituem uma das realidades dos nossos dias...

As possibilidades oferecidas pelo helicóptero, nos campos civil e comercial, são patenteados pelos serviços experimentais realizados em Inglaterra, durante os anos de 1946-1950, por uma das secções da *British European Airways*. Nestas experiências, a regularidade média dos voos nas várias linhas, efectuadas de dia e de noite e sem cuidar do estado do tempo, atingiu um índice bastante elevado.

A sociedade belga *Sabena* iniciou na Europa um serviço de passageiros, com helicópteros S. 55, tendo transportado durante os três primeiros meses da sua actividade cerca de 4.000 viajantes. Apenas com três aparelhos daquele tipo, tendo 7 lugares pagos, a *Sabena* opera numa zona de cerca de 400 quilómetros de extensão. Com eixo em Bruxelas, os S. 55 voam sobre a França, a Alemanha e o Luxemburgo, tocando em centros de acentuada importância turística e comercial, desprovidos de aeroportos para aviões normais.

A sociedade americana *New York Airways* liga entre si os maiores aeroportos metropolitanos dos Estados Unidos, assegurando um serviço postal regular em Connecticut e Nova Jersey. Outro tanto sucede com a *Los Angeles Airways*, importante empresa californiana, que há cerca de seis anos explora serviços regulares de helicópteros com uma média de cem paragens diárias.

Todas as companhias de navegação aérea, equipadas com aeronaves de tipo tradicional, estão hoje preocupadas com os progressos rápidos e incessantes da técnica helicóptérica, tendo em estudo planos suplementares de expansão comercial a confiar ao novo processo de voo. Completamente dissipadas as deficiências antigas, o «omnibus aéreo» tem ganho raízes na consciência do público, nos organismos oficiais e, em alguns países, até nas esferas governamentais.

Quanto a Portugal e ligando entre si as nossas principais cidades — Lisboa com o Porto, com Faro, com Viseu, com Bragança, etc. — em serviço de passageiros e de correio, o helicóptero seria de incalculáveis benefícios. O mesmo poderia acontecer em relação às Províncias Ultramarinas.

O helicóptero será, entre nós, como tem sido em todos os países, a solução ideal para o vasto número de problemas que só a faculdade do voo vertical pode resolver.

GUARDIZELA

Correio

Correspondente do «Notícias de Guimarães» em Covas — Retribuímos os cumprimentos e agradecemos a referência.

Prosperidades.

Festas ao Mártir S. Sebastião para 1957

Com pedido de publicação recebemos do Sr. Angelino Ferreira, dig.^{mo} juiz da festa ao Mártir S. Sebastião em 1956 a seguinte nota:

Eleição para a Festa de São Sebastião no ano de 1957:

Juiz — Sr. Laurindo Evangelista Pereira, Monte;

Juiza — Menina Belmira Pimenta Machado, Penço;

Tesoureiro — Sr. José Alves Pimenta, Penço de Baixo;

Mordomos — Srs. Artur da Silva, João Pereira da Silva, Abílio da Silva, José Alves, Adelino Leite e António Guilherme;

Juiza das mordomas — Menina Maria Evangelista Pereira, Devesa;

Mordomas — Meninas Maria Albertina da Costa Carneiro, Penço; Maria Moreira da Cunha, Igreja; Rosa da Conceição, Vales; Ana Rosa Ferreira de Azevedo, Penço; Maria Emília Pimenta da Silva, Monte de Baixo; e Maria Torres da Silva, Vales, todos de Guardizela.

Novos assinantes

Deram-nos o prazer de se inscreverem como assinantes do «Notícias» os Srs. Joaquim Leite de Faria, de Bairro (Famalição) e Adelino de Sousa Quintão, de Guardizela. — C.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora :

Gostei de ler a carta do Sr. Engenheiro Duarte Amaral, recentemente publicada nos jornais locais, que constituiu, sem dúvida, um documento de manifesta oportunidade, porque esclarece factos que muitos vimaranenses, com certeza, ignoravam e os quais, portanto, desconheciam pormenores agora tornados públicos por meio da referida carta, onde o seu ilustre signatário dá a César o que é de César.

Conheço o Sr. Engenheiro Duarte Amaral desde aquele tempo em que convivi com sua ex.ª na plena infância da sua juventude, mas já seguidor de qualidades à face das quais se podia definir o seu carácter e a sua personalidade juvenil, qualidades que no decorrer dos tempos tem conservado, prestigiando assim, o seu nome e conquistando uma posição de destaque no meio social, que lhe dá direito à estima e à consideração por parte de quem, com independência e imparcialidade, lhe souber fazer a devida justiça.

Porque assim é, não estranhei as considerações feitas na carta em referência, através da qual aparece a luz da verdade e a chama a justiça perante antigas e justas espirações dos vimaranenses e a prima como as mesmas têm sido acompanhadas por pessoas com mais ou menos responsabilidades nos destinos desta terra.

E' de louvar, por isso, a atitude do Sr. Engenheiro Amaral, actual presidente da União Nacional, dignificando-se aos seus contrários para desfazer equívocos e corrigir comentários.

Quem assim procede, sem outra intenção que não seja a de pôr em relevo os nomes de pessoas que se não fizeram foi por que não puderam, torna-se digno desta referência especial, embora muito simples, mas muito sincera.

Não sou adúlador nem tenho preensões pessoais, razão por que esta ligeira homenagem às qualidades do Sr. Engenheiro Duarte Amaral nada mais poderá significar do que a minha satisfação por ter aparecido um Homem, Filho Ilustre de Guimarães, a colocar a justiça no seu devido lugar, quer invocando o passado, quer invocando o presente.

Muito gostaria, minha Senhora, de tornar esta conversa mais elástica, mas sou obrigado a fazer a justiça à minha caneta que reclama repouso e ambiente próprio para o mesmo. Mediante esta exigência, aconselhada pela prudência, neste caso não representa desculpa, nada mais direi a V. Ex.ª. Porém, muito menos fazem aqueles que não dizem — «água vai, água vem!»

Setembro de 1956. De V. Ex.ª cd.º ven.º e obg.º X.

A Voz dos Leitores

Rua de Santa Luzia

Guimarães, 5-9-56.

... Sr. Director do «Notícias de Guimarães».

Lendo, no último número do conceituado jornal de V. Ex.ª, que «Uns leitores da Rua Francisco Gra» pedem a atenção das autoridades para certo bêbado que, de noite e em alta voz, proferindo palavras obscenas, insulta as pessoas que moram perto do Santuário do Espírito Socorro, — permita que, como antigo morador da referida rua, e sem deixar de dar aos petiçãoários a minha adesão, — eu diga alguma coisa mais:

A Rua de Francisco Agra (antiga de Santa Luzia) não se circunscreve apenas ao Santuário do Espírito Socorro. Principia no prolongamento Gil Vicente-Duarte Pacheco, indo terminar na velha Ponte de Santa Luzia.

Portanto, o que nessa parte da Rua apenas agora se observa, e para que se pedem providências, — é de há muito, e em desafortadíssima escala se patenteia em quase toda a Rua, aos olhos e ouvidos de todos os que na dita moram e por ela transitam...

O desassossego é permanente, — e num ã-vontade que confrange e revolta!

Há de tudo: — matulinhos e matulinhãs, matulões e matulonas, sem hora de recolher, vidros estilhados por bolas de trapo ou borraça, corridas brutò-pedestres, palavrões, gestos indecorosos, etc., etc., prolongando-se, quantas vezes, para além das 24 horas!...

No calcetamento a paralelepípedos, no trabalho empedramento dos passeios, na modernização da luz pública, na ordenada beneficiação exterior dos prédios, — a Câmara, da ilustre Presidência do Sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, está dando a esta Rua uma feição solaranga, que bem se condiz com a sua antiguidade, — por tal merecendo alta gratidão

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 10, os nossos prezados amigos srs. T. Mendes Simões, nosso ilustre Colaborador, Gonçalo Lopes Paúl, do Porto e João Dias Pereira, de Lordelo; no dia 11, o nosso prezado amigo sr. José da Silva Guimarães; no dia 12, as sr.ªs D. Georgina de Barros Silva Martins, esposa do nosso bom amigo sr. Alvaro de Jesus da Silva Martins, e D. Regina Guise, esposa do nosso prezado amigo sr. J. Severo de Sousa Guise, ausente no Brasil, e os nossos prezados amigos srs. Afonso Machado e Afonso Teófilo Fernandes Vieira; no dia 13, as sr.ªs D. Joana Viamonte da Silveira Lobo Machado, D. Maria Fernanda Cabral Ferra e D. Maria da Madre-de-Deus Lobo de Carvalho e os nossos prezados amigos srs. Francisco Alberto Costa, conceituado comerciante no Porto, João Moreira Mendes e Simão Costa; no dia 14, a sr.ª D. Aurora dos Reis Oliveira, esposa do nosso bom amigo sr. Plácido Gaspar de Oliveira; no dia 15, os nossos prezados amigos srs. Augusto Aguiar e Manuel de Castro Ferreira; no dia 16, a sr.ª D. Maria Elisa de Almeida Ferreira e os nossos prezados amigos srs. Domingos Ferra de Oliveira Guimarães, dr. Francisco Pinto Rodrigues, Simão de Almeida Ribeiro e Adão Torcato Ribeiro e a menina Alberta Cardoso Martins.

Completa no dia 12 três risornhas primaveras a menina Maria de Lourdes Moreira Martins Victorino, filha do sr. José Martins Victorino e de sua esposa a sr.ª D. Maria Ligia Moreira Martins. Parabéns.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Pedido de casamento

Pela sr.ª D. Esmeraldina Sepúlveda Guimarães e o sr. Domingos Pinheiro Guimarães, residentes em Luanda, Africa, foi pedida em casamento, no passado dia 4 do corrente, para seu sobrinho sr. Raúl Sepúlveda Balaio, a mão da gentil menina Julieta Manuela Sepúlveda Almeida Barreira, filha da sr.ª D. Laura da Conceição Sepúlveda Almeida Barreira e do sr. Manuel de Almeida Barreira, conceituado comerciante nesta cidade.

O auspicioso enlace, realizar-se-á brevemente. Aos noivos, desejamos as maiores venturas.

Nascimento

Deu à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso bom amigo sr. José Paredes. Parabéns.

Partidas e chegadas

Com sua família partiu para as suas propriedades de Gomide (Pico de Regalados), o nosso querido amigo sr. Prof. Mário de Sousa Meneses, ilustre Provedor da Misericórdia.

Com sua família partiu para as suas propriedades de Vila Pouca de Aguiar, o nosso prezado amigo sr. Fernando Lage Jordão.

Da Póvoa de Varzim regressaram, com suas famílias, os nossos prezados amigos srs. Gualdino Pereira, António José Paredes, Manuel Gomes de Oliveira e Joaquim Manuel Pereira Mendes.

Com suas famílias partiram para a mesma praia, os nossos prezados amigos srs. João de Almeida Ribeiro, Simão de Almeida Ribeiro, Armando Ferreira da Cunha, Albino Fernandes, Augusto Joaquim da Silva Guimarães, António José Pereira Rodrigues, António Maria Ribeiro da Cunha, Francisco d'Assis Ribeiro da Cunha, Joaquim Ferreira, Alvaro da Silva Martins, Aristides de Barros Ferreira, Joaquim Fernandes Marques, Adriaõ Abílio Saraiva Martins, do Porto; Sebastião Mendes, António de Carvalho de todos os moradores da Rua Francisco Agra!

Rua de Santa Luzia, — onde viveram, e hoje habitam, respeitáveis famílias, — com sua secular Capelinha de Santa Luzia, o antigo Colégio dos Jesuítas, hoje Delegação Concelhia e Escolas Centrais do Ensino Primário, com frequência de algumas centenas de alunos de ambos os sexos, a Capela Redentorista, etc., etc., bem merece — e impõe-se mesmo! — a vigilância permanente e enérgica dum agente da autoridade!!!

Nas mãos fortes e firmes de Sua Excelência o sr. Presidente da Câmara depomos a nossa confiança.

UM LEITOR.

valho, Abílio Gonçalves, Jacinto J. de Sousa Ribeiro, Francisco Fonseca Ferreira, Benjamin de Matos e Patrício de Castro Henriques, e as sr.ªs D. Glória da Costa Leite, D. Rosa Teixeira de Freitas e D. Maria da Madre-de-Deus Lobo de Carvalho.

— Encontra-se no Gerez a uso de águas a sr.ª D. Maria Augusta Pereira Mendes.

— Também têm estado em Caldelas, a uso de águas, os nossos prezados amigos srs. dr. Alexandre de Brito Sampaio e Francisco de Sousa Guise.

— Partiu para Remelhe (Barcelona), a família do nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Eng.º Helder Raúl de Lemos Rocha.

— Com sua esposa esteve nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. Vasco Burmester Martins, residentes na Foz do Douro.

— Estiveram em Lisboa, de onde já regressaram, os nossos bons amigos srs. Albano M. Coelho de Lima, Fernando Lage Jordão e Inácio Ferreira da Costa.

— Também partiu para Lisboa o nosso prezado amigo sr. José Maria Vaz.

— Depois de passar uma temporada nesta cidade, de visita a pessoas de família, regressou ao Rio de Janeiro a sr.ª D. Alda Alijó de Lima, seguindo em sua companhia, com o mesmo destino, a menina Elvira Adelaide Pinheiro Machado, filha do nosso bom amigo sr. Alberto Augusto Pinheiro.

— Acompanhada de seus filhinhos regressa a S. Tomé, embarcando em Lisboa no próximo dia 12, a sr.ª D. Maria Jaquelina Monteiro Dias de Castro Martins, esposa do nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Henrique Ferreira Martins.

— Também parte no mesmo dia, embarcando em Lisboa com destino a Luanda, acompanhada de seus filhinhos, a esposa do nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Joaquim Carvalho Ribeiro.

— Com sua esposa e filhos tem estado nesta cidade, de regresso de S. Pedro do Sul, o nosso prezado conterrâneo e amigo, residente em Lisboa, sr. Pedro Pereira de Freitas.

— Com sua família encontra-se a veranejar em Cete, o nosso prezado amigo sr. Prof. José Neves, do Porto.

— Deu-nos o prazer de sua visita o nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. A. L. de Carvalho.

— Regressaram do estrangeiro os distintos clínicos e nossos prezados amigos srs. dr. João António de Almeida e dr. João Afonso de Almeida.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Comendador dr. Francisco Meireles, de Celorico de Basto.

— Regressou do Vidago o nosso prezado amigo sr. Simão Martins da Costa.

— Com sua família encontra-se a veranejar na Praia d'Aguda (Granja), o nosso prezado amigo sr. António da Silva.

— Esteve com sua esposa nesta cidade o nosso querido amigo sr. João Pedro de Sousa Guise, a quem abraçamos.

— Também esteve entre nós o nosso prezado amigo sr. Francisco Lage Jordão.

— Duma digressão pelas Beiras e Estremadura, em companhia do distinto conterrâneo sr. D. José Tavares Ferrão, regressou já a esta cidade, o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Jerónimo de Almeida.

— Com sua esposa tem estado em Lisboa o nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado.

— Partiu para Lisboa, onde embarcará na próxima semana para a cidade da Beira, onde vai fixar residência, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Benjamin de Castro Alves Ferreira, que teve a amabilidade de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida e agradecer as referências que fizemos a propósito da homenagem que lhe foi prestada nesta cidade.

Agradecendo a sua visita, fazemos votos pela sua feliz viagem, desejando-lhe muitas venturas.

— Regressou a Vila Verde a sr.ª D. Lucinda dos Anjos Pimenta, que teve a amabilidade de nos apresentar os seus cumprimentos.

— Com sua família encontra-se a veranejar em Arco de Baúlhe, o nosso prezado amigo sr. Mário de Barros Ferreira, Agente do Banco de Portugal em Mirandela.

— Em viagem de turismo partiu com sua família para Madrid, o nosso prezado amigo sr. dr. Fernando Ayres.

— Depois de umas férias passadas na Póvoa de Varzim, regressou a esta cidade, o nosso bom amigo sr. José Lemos Sampaio.

— Regressou da Curia o nosso bom amigo sr. António d'Assunção Neves.

— Parte amanhã para a Curia o nosso bom amigo sr. Abel Machado Faria.

— Com sua família partiu para a Figueira da Foz o nosso prezado amigo sr. António Ferreira de Oliveira.

— Com sua família encontra-se a veranejar em Pombeiro o nosso bom amigo sr. Fernando Barbot Costa.

— Tendo regressado com sua família da Praia d'Apúlia, reassumiu as funções de gerente do Banco

Nacional Ultramarino, o nosso prezado amigo sr. Carlos F. Brandão.

— Com sua família encontra-se a veranejar em Tenões (Braga), o nosso prezado amigo sr. dr. João Fernandes de Freitas.

— Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior.

Doentes

Vão-se acentuando as melhoras do nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. dr. Eduardo de Almeida.

— Tem passado bastante doente o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Prof. J. Martins de Lima.

— Tem melhorado sensivelmente o nosso prezado amigo sr. Manuel Alberto da Silva Lopes, que já regressou a esta cidade.

— Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. Armando Diniz Corais.

— Também esteve doente o nosso prezado amigo sr. António de Sousa Lima.

— Tem passado doente a sr.ª D. Maria do Carmo Castro Garcia Martinho, esposa do nosso prezado amigo sr. José da Silva Martinho, das Taipas.

— Esteve doente, encontrando-se já quase completamente restabelecido, o nosso prezado amigo sr. dr. Augusto Monteiro Dias de Castro.

— Foi operado ontem, de apêndice, no Hospital da Misericórdia, o menino Alberto Jorge, filho do nosso prezado amigo e ilustre Juiz de Direito em Ovar, sr. dr. Alberto Pita da Costa.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Rectificação

Procurou-nos o nosso bom amigo sr. J. Cruz Gaspar, activo funcionário do Banco Nacional Ultramarino, para nos esclarecer, acerca da notícia que demos, em 26 de Agosto, do seu casamento, que não é, como se disse, de nacionalidade espanhola, mas sim portuguesa, o que nos apraz registar, rectificando desse modo, a referência feita por erro de informação.

Falec. e Sufrágios

De luto

Pelo falecimento de um seu cunhado, guarda luto o nosso prezado amigo sr. dr. Francisco de Carvalho Ribeiro, a quem apresentamos condolências.

Sufragando

Na próxima quarta-feira às 7 e 8 horas, na Igreja paroquial de S. Sebastião, serão celebradas missas por alma da saudosa sr.ª D. Ana de Jesus Ribeiro, comemorando o 1.º aniversário do seu falecimento.

Vida Católica

Guardizela vibrou de entusiasmo pela Missa Nova do Rev. Padre Cândido da Conceição Rocha, cujo número foi integrado na festa ao Mártir S. Sebastião

Conclusão do n.º anterior

Trazermos para aqui os seus nomes, não só nos dificultaria esta reportagem, que já vai longa, mas seria ainda incorrer num fatal lapso, pelo qual poderíamos ser censurados, visto não nos ter sido oportuno assistir a essa cerimónia.

Podemos dizer, todavia, que esteve presente o Senhor Cônego António de Castro Monte Reis, Reitor do Seminário Conciliar de Braga, onde o Padre Cândido da Conceição estudou, e tal honra é rara, na verdade, assim como outras individualidades de relevo.

Aos brindes falaram os srs. Cônego António Reis, Reitor do Seminário Conciliar; Padre Manuel Martins, pároco da freguesia de Revelhe (Fafe) e primo do neoprebitero; Padre Porfírio Mendes Ribeiro, pároco desta freguesia, e Padre Armando Guimarães, etc., que enaltecem as qualidades do Padre Cândido. Este agradeceu por sua vez,

Santa Maria de Guardizela nunca manifestou tamanho regozijo por uma ordenação sacerdotal, apesar de aqui se haverem realizado diversas.

Seria por o Padre Cândido ser pobre? — talvez.

Oh! quantas angústias ele e os seus teriam passado para não perderem o seu curso...

Quantas vezes os seus pais teriam tirado à boca o necessário pão negro, ganho quotidianamente à custa, sabe Deus, de quantas lágrimas, de quanto suor, de quantas canseiras e sangue perdido até... para proverem o filho das suas necessidades?... sabe Deus...

Avistando-nos com o novo Apóstolo ao serviço da Igreja, perguntamos-lhe: Sr. padre, quais foram os seus maiores amigos?

— Amigos tive muitos — diz-nos o novo padre, manifestando a gratidão que lhe ia no interior — mas o meu maior foi, indiscutivelmente, o meu primo, Padre Manuel Martins, de Revelhe.

Tivemos a ocasião de admirar a corbelha dos brindes do sr. Padre

O GAZCIDLA não é tóxico - não faz fumo - não perigoso! Aquece! Ilumina! Refrigera! Fogões — Esquentadores de água para Banho e Cozinha! Candeeiros — Aquecedores de sala — Frigoríficos, etc., etc. GAZCIDLA uma chama viva na cidade, na praça e no campo! Peça V. Ex.ª minha Senhora, uma demonstração gratuita aos Agentes Centrais TEIXEIRA & FREITAS, L.DA. — Largo dos Navarros de Andrade — GUIMARAES. 484

O tempo é dinheiro Com GAZCIDLA em 5 MINUTOS, faz V. Ex.ª um pequeno almoço; em pouco mais de meia hora, faz um assado; em 1 hora faz todo um almoço!... Após as Refeições, escusa V. Ex.ª de gastar horas lavando a louça, porque GAZCIDLA é uma chama limpa! 482

«Por um Mundo Rural Melhor» Uma Campanha dos Organismos Agrários da Acção Católica de Braga

Prosegue no maior entusiasmo esta Campanha que pelas proporções grandiosas que está assumindo, tem operado uma notável influência no ambiente rural minhoto. Tem sido extraordinário o interesse despertado pelas numerosas reuniões regionais que se têm realizado para propaganda e preparação da Campanha, às quais já assistiram mais de cinco milhares de filiadas e filiados, número este que ultrapassa de longe as previsões mais optimistas.

Os temas de estudo da Campanha que oportunamente foram anunciados e que se encontram reunidos e explicados num opusculo distribuído às secções, têm sido largamente e proveitosamente debatidos nas várias reuniões já feitas.

Por sua vez os Rev.ªs párocos iniciaram já um ciclo de homilias integradas no plano da Campanha. Assim, além da origem, missão e finalidade sublime do trabalho tem sido também profundamente exposta e discutida a sua realização digna e cristã.

Neste último aspecto merece especial atenção a actividade apostólica que se iniciou para afastar do trabalho agrícola os seus principais factores de desmoralização, não esquecendo também as injustiças e opressões nele e por ele realizadas e ainda o uso e abuso da pessoa humana e dos direitos de cristão.

Tudo faz prever que a Campanha iniciada tem assegurado um grande êxito que se espera ver comprovado na Festa das Colheitas que se realizará em todas as freguesias da Arquidiocese em fins de Setembro e princípios de Outubro.

Estas festas de sentido profundamente católico serão a manifestação iniludível da gratidão dos lavradores pelas bênçãos de Deus sobre os seus trabalhos realizados dentro dum elevado espírito cristão.

«Ora et labora... Mãos no trabalho e coração em Deus — é o lema que pretendemos gravar indelévelmente no coração e na alma de todos os agrários, os quais assim — à custa do seu labor e da sua oração — hão-de conseguir realmente porque para isso lutamos «Um Mundo Rural Melhor».

TELEGRAMAS de felicitações

O Sr. Presidente da Câmara telegrafou aos Srs. Ministros da Defesa, Interior e Marinha, nos seguintes termos:

Ministro da Defesa — Lisboa. — A Câmara Municipal de Guimarães na passagem aniversário Vossa Excelência alto cargo Ministro jubilosamente exprime as suas mais sinceras felicitações desejando longa vida garantia continuação obra já bem vinda reorganização militar defesa e prestígio de Portugal. — Presidente Câmara — (a) Castro Ferreira.

Ministro do Interior — Lisboa. — Meu nome e Câmara Municipal Guimarães passagem aniversário investidura Vossa Excelência alto cargo Ministro Interior exprimo felicitações formulando desejo continuação obra notável e já bem demonstrada perfeita compreensão pelos legítimos anseios da administração municipal. — Presidente Câmara — (a) Castro Ferreira.

Ministro da Marinha — Lisboa. — Passagem aniversário investidura Vossa Excelência espinhoso cargo Ministro da Marinha, Guimarães está presente. Sincera e jubilosamente grita parabéns. Que na obra ressurgimento Marinha Nacional continue acção notável Vossa Excelência são os votos sinceros da Terra Mãe da Pátria que nunca esquece os que muito lhe querem. — Presidente Câmara — (a) Castro Ferreira.

TEATRO-JORDÃO APRESENTA HOJE, 15 A 16 E 17, 21, 30 HORAS Glenn Ford e Barbara Stanwyck No maravilhoso filme em CINEMA SCOPE HOMENS VIOLENTOS (Espectáculo para maiores de 18 anos)

TEATRO-JORDÃO, 11 -- 15 E 21, 30 HORAS Michele Morgan e Raf Vallone No filme em Technicolor SUSPEITA (Espectáculo para maiores de 18 anos)

QUINTA-FEIRA, 13 -- 15 E 21, 30 HORAS HANNA AMON com Kristina Soderbaum e Lutz Moik A obra mais representativa do novo cinema alemão. (Espectáculo para maiores de 18 anos)

SÁBADO, 15 -- 17 E 21, 30 HORAS Mil e um episódios de violência e audácia. RIVALIDADE SUPERSCOPE com John Payne e Rhonda Fleming (Espectáculo para maiores de 18 anos)

DESPORTO De Covas

A Maratona do Futebol Nacional

Vitória, 1 — Gil Vicente, 1

A estrela oficial da equipa vimaranense foi algo detritente

Todos saíram desiludidos da Amorosa, no último domingo. De facto, a exibição do Vitória não agradou a ninguém. O próprio treinador, nas impressões dadas aos jornais, colaborou na opinião geral. Por isso nos parece que a coisa decorreu mal, de mais para ser totalmente verdadeira.

O Vitória sofre uma vez mais da mudança da sua orientação técnica. E isso é facto de atender, pela influência que tem. De um sistema de jogo, passa-se a outro, deveras diferente, com todas as suas consequências de adaptação de jogadores.

Tem vindo o Vitória a sofrer deste mal, já algumas épocas. E' pena, de facto, não ter sido possível conservar o mesmo orientador, durante alguns anos, de modo a conseguir-se a estabilidade de um sistema. Mas isso, por muito que pareça fácil, não tem sido possível, embora não faltasse vontade, em todos os responsáveis, para que tal acontecesse.

Há, no momento, portanto necessidade de encerrar o caso como ele se apresenta realmente e esperar que as coisas se arrumem de modo a principiarem a agradar. Na temporada passada não se começou melhor e, depois todos os *queixumes* se calaram para darem lugar às *palmas efêricas*.

Presentemente a orientação técnica do Vitória está optimamente entregue. Oscar Tellechea tem um passado, como treinador, dos mais valiosos e, por isso, é de esperar que a sua influência no conjunto do Vitória seja aquela capaz de lhe dar a ordenação que, no último domingo, lhe faltou em demasia.

Por outro lado, faltavam à equipa certas *pedras-base*. Embora se saiba que não é possível um dispêndio análogo ao da época passada, espera-se que, de qualquer modo, se consigam alguns elementos, capazes de ligarem melhor o conjunto.

Na verdade o Vitória apresentou-se como *uma rede sem nós*, onde as suas jogadas se desfaziam como se lhe faltasse aqueles pontos de ligação que guiam a boa ordenação. Isto há-de conseguir-se, certamente, com a ajuda de uns tantos, que estão sempre prontos a possibilitar o engrandecimento do Clube.

Ficha do jogo — Vitória: Silva, Virgílio e Costa; Cesário, Silveira e Bibeilino; Bártolo, Luterio, Rola, Daniel e Benje. Gil Vicente: Augusto, Serodio e Waldemar; Pontes, Eduardo e Vieira; Nolito, Arménio, Glucho, Tito e Nova. Árbitro Mário Garcia, de Aveiro. Um golo do Vitória, por Benje, aos 26 minutos da primeira parte, e um de Arménio, a dois minutos do fim, para o Gil Vicente.

Resultados gerais da jornada: Vitória, 1-Gil Vicente, 1; Sanjoanense, 0-Braga, 1; Chaves, 0-Boavista, 1; Espinho, 1-Marinhense, 1;

SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar!
Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 17

CONVOCAÇÃO

Conselho Municipal

Doutor José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães:

Tem a honra de convocar os Ex.ºs Vogais do Conselho Municipal, para a sessão ordinária que, de harmonia com o § 3.º do Art.º 29.º do Código Administrativo, se realiza no dia 14 do corrente mês, pelas 15 horas, na Sala das Sessões da Câmara Municipal.

Paços do Concelho de Guimarães, 9 de Setembro de 1956.

O Presidente da Câmara Municipal,
José Maria Pereira de Castro Ferreira. 545

Leixões, 3-Salgueiros, 1; Vianense, 2-Tirsense, 1, e U. Coimbra, 2-Peniche, 1.

Os jogos de hoje, respeitantes à segunda jornada, são os seguintes: Peniche-Vitória; Braga-U. Coimbra; Marinhense - Sanjoanense; Boavista - Espinho; Salgueiros - Chaves; Tirsense-Leixões e Gil Vicente - Vianense.

Esperamos melhoria na equipa do Vitória. O jogo que ela tem de realizar não é fácil, mas se os seus componentes se compenetrarem, como devem, da necessidade que há em obter um resultado que não afaste o Clube demasiadamente da *cabeça* da prova, estamos crentes que ele aparecerá e conduza a equipa para o lugar que verdadeiramente anseiam todos os seus adeptos.

L. R.

Hoquei em Patins

Esta modalidade continua, no Vitória, em plena acção. Depois da visita do Educação Física e do Académico do Porto, o Vitória deslocou-se à Póvoa de Varzim, onde participou num torneio, organizado pelo Desportivo daquela Vila.

No primeiro encontro a equipa do Vitória, alinhando, durante bastante tempo, com os seus reservas, triunfou do Desportivo da Póvoa por 8-0. Depois jogou contra a valiosa equipa do Estrela e Vigorosa, do Porto, vindo a ser derrotado por 5-1.

No primeiro jogo foi evidente a sua superioridade e no segundo o resultado não traduz o equilíbrio verificado. Foi verdadeiramente uma jornada, onde se patenteou a capacidade do nosso hoquei, que decisivamente se libertou das modestas competições minhotas, para enfrentar equipas cotadas de outras regiões, que melhor dão a noção do seu real valor.

Na passada sexta-feira visitou o Rink da Amorosa o campeão do Norte, o valioso Clube Infante de Sagres, tendo defrontado o Vitória, mas sobre este jogo falaremos, no próximo número, dada a sua importância.

Com **GRACIOLA** não tem fumo; tem economia! 463

Gincana de Automóveis NAS TAIPAS

Realiza-se hoje, na Vila das Taipas e promovida pelo Clube de Caçadores com o patrocínio do nosso prezado colega *Jornal de Notícias*, uma importante Gincana de Automóveis, que está despertando grande entusiasmo, a avaliar pelo número das pessoas inscritas, sendo conferidos valiosos prémios aos vencedores dessa interessante prova automobilística.

Grupo Regional Folclórico Recreativo do Pevidém

A direcção deste Grupo solicita-nos a publicação do seguinte: «Este Grupo, que se exibiu nas Festas Gualterianas, tomou parte no Festival Folclórico durante o Banquete realizado na Varanda de S. Jerónimo, do Convento da Costa, em homenagem aos srs. Ministros da Defesa Nacional e da Marinha, recebeu destes ilustres membros do Governo um donativo de 500\$00 para melhoramentos dos nossos uniformes folclóricos e ainda palavras de conforto e incitamento.

Aproveita a direcção deste Grupo a oportunidade de lamentar o seu desgosto e ainda para esclarecimento do Público, pela atitude tomada por dois dirigentes do certame folclórico, realizado na Praça do Mercado na tarde de 6 de Agosto, inibindo-o de apresentar pelo menos mais dois números regionais, quando aos restantes foi permitida a apresentação de quatro e mais números, com a agravante de no segundo ter sido tentada a interrupção da sua execução.»

Estabelecimentos e Escritórios em prédio em construção, no centro, alugam-se. Redacção informa. 542

Pela boca morre o peixe...

A satisfação que o «bemfeitor» de Covas, sr. Joaquim Guimarães Brandão, nos quis dar no «Conquistador» acerca da nossa local do dia 12 de Agosto p. p., intitulada «Coisas boas — coisas más...», é-nos muito grata, mas continuamos a confirmar as nossas acusações, porquanto somos rectilíneos na nossa maneira de apreciar as coisas.

Além disso nunca fomos rebeldes nas nossas expressões, não obstante não se tratar de um Jornal de feição religiosa, mas que também em nada a despreza. Porém, no caso do tal «bemfeitor» tudo isto é ao contrário. Leiam, a propósito, as seguintes palavras da sua carta:

«De resto, a culpa não é sua, somente, mas de quem publica os seus escritos tão ousados e presunçosos, que até aos Bispos e Padres quer impor leis, e tão falsos, que até a paternidade das pessoas se atreve a mudar.»

A ser verdade (!) é importante, importantíssimo... (Com que capa (!) ele se cobriu para conseguir a publicação da carta)...

Voltando à mesma lemos o seguinte, que é digno de se frisar: «Há apenas uma coisa em que estou de acordo consigo: — Em fazer eco das lamúrias, que o Sr. transcreve, das restrições impostas à venda de gaitas e de tambores na romaria de Caldelas.»

Ora, o que o «bemfeitor» não sabe é que a carta, que a pedido publicamos, sobre as restrições impostas à venda de gaitas e de tambores, em que diz estar de acordo conosco, infelizmente, é oisa de um sr. Padre. A ser assim, o tal «bemfeitor» é *vário* nas suas afirmações... Quanto às peras, só diz que é mentira, mas não se defende — não pode — da acusação que lhe fizemos.

Em vez de dizer por que é que as destruiu, antes do dia 18 de Julho p. p., que só em fins de Setembro deviam estar maduras, elogiava-se por boca própria, *agarrava-se* a mais três notícias que não lhe dizem respeito e diz que deixou *marmelos*. Temos a dizer ao sr. «bemfeitor» que o que foi pena foi os marmelos — que ainda não lhe esqueceram (!) — não passaram de flor naquela ocasião, senão também não lhe escapariam. E então seria (!) uma autêntica... marmelada. Se ao sr. «bemfeitor» causa admiração o *Notícias de Guimarães* dar publicidade aos nossos escritos — *de que tomamos a responsabilidade* — aliás, nunca tocaram as barreiras da falta de educação ou loucura, felizmente, muitas mais carradas de razão teremos nós de «admirar» como colaborador dum Jornal católico e servindo-se de *termos* «pesados» para se *desenfartar* da notícia com que na sua despedida para a estação de Santo Tirso foi homenageado — justa homenagem — a pedido de inúmeros Covenses e de alguns colegas, que jamais esquecerão esse espírito destruidor. Quando o *Notícias de Guimarães* não dá ao desprezo as palavras de pessoas mal educadas ou incompletas, não costumava perder muito tempo, pois tem mais em que se ocupar, portanto, para concluir façamos nossas as seguintes palavras do sr. «bemfeitor» de Covas:

«Construir para destruir é só próprio de loucos e os loucos não podem estar com responsabilidades como as que pesam sobre os ombros de quem escreveu aquela carta no «Conquistador»...»

E fala em manicómios para os outros!... Enfim, sr. «bemfeitor», tenha paciência.

Novo pároco em Nespereira
Em substituição do rev.º José Borges, pároco de Nespereira — que gozava de gerais simpatias — foi ali empossado no domingo, dia 2, o rev.º António de Castro Fernandes, que foi ali recebido com carinho.

Festividade em Urgeztes
Realizou-se no passado domingo, 2, na freguesia de Urgeztes, a festa em honra do SS.º Sacramento e a comunhão solene das crianças.

Terreno Vende-se uma sorte com pinheiros, no lugar das Senhoras do Monte, em Nespereira, com cerca de 5.000 metros quadrados. Falar na rua da Liberdade 9, com Fernando Leite Pereira. 514

Na Liquidatária Empresa-se dinheiro ao juro legal, quer por letras, devidamente garantidas, ou por hipoteca. Rua de Camões n.º 120 R/c. 526

Vende-se Prédio grande, com quintal, na cidade, numa rua de movimento, rendimento anual 17.400\$00. Informa esta redacção. 509

Hóspedes Aceitam-se numa casa particular. Falar na rua de D. João I, 107 (irmãs Novais). 529

ALUGA-SE Em Vizela. Moradia com todas as comodidades modernas. Nesta redacção se informa. 519

Caneleira De 5 fusos, em bom estado. Vende: Lobo & Irmão — Avenida Conde de Margaride — Guimarães. 538

CASA Aluga-se uma casa na Avenida Conde de Margaride, próximo do mercado. Falar na casa do Proposto. 545

Houve missa cantada, sermão, terço, bênção e procissão com as associações religiosas, «aninhos» e as crianças do comunhão. Abrihantou a festa a banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, que tocou até ao pôr-do-sol.

Notícias pessoais

Com seus filhos encontra-se entre nós, de visita a seus pais, a nossa conterrânea sr.ª D. Camila Teixeira da Silva Ferreira, residente na Covilhã.

— Com sua família regressou da Figueira da Foz, onde esteve a veranejar, o nosso bom amigo sr. David Garcia.

— Com sua família partiu para a Póvoa de Varzim, o industrial e nosso prezado amigo sr. Narciso Pereira Mendes.

— Regressou do Porto *mademoiselle* Albertina T. da Silva. — C.

N. R. — Recebemos recentemente uma carta do sr. Joaquim Gomes da Silva Brandão, a propósito das referências que lhe foram feitas pelo nosso solicito correspondente de Covas. E porque tomamos conhecimento das considerações feitas pelo mesmo sr. num nosso colega local, no decorrer das quais nos pretende atingir também, deixamos de dar publicidade ao que nos pede.

Despedida

Por não me ter sido possível, ao retirar de Guimarães com destino à Cidade da Beira (África Oriental Portuguesa), onde fico ao inteiro dispor dos meus queridos amigos, despedir-me, pessoalmente, como desejaria e era meu dever, de tantos que sempre me honraram com a sua amizade, que jamais poderei esquecer, valho-me deste meio para o fazer, expressando ao mesmo tempo a minha gratidão a todos aqueles que me quiseram distinguir, compartilhando das homenagens que imerecidamente me prestaram os colaboradores da «Marcha Gualteriana» e os «Columbófilos Vimaraneses».

Ao partir de Guimarães, terra onde nasci e me criei e cujo progresso saberei acompanhar, longe embora, mas com enternecido interesse e entusiasmo, formulo veementemente votos pelo engrandecimento desta Terra tão merecedora do esforço e do carinho de todos os seus filhos. A todos deixo, pois, um abraço e os melhores desejos de muitas felicidades.

Guimarães, 8 de Setembro de 1956.

Benjamim de Castro Alves Ferreira. 541

Oferas e Procuras

Vasilhame Compram-se 15 a 20 cascos para vinho, em madeira de castanho e em bom uso. 512

Terreno Vende-se uma sorte com pinheiros, no lugar das Senhoras do Monte, em Nespereira, com cerca de 5.000 metros quadrados. Falar na rua da Liberdade 9, com Fernando Leite Pereira. 514

Na Liquidatária Empresa-se dinheiro ao juro legal, quer por letras, devidamente garantidas, ou por hipoteca. Rua de Camões n.º 120 R/c. 526

Vende-se Prédio grande, com quintal, na cidade, numa rua de movimento, rendimento anual 17.400\$00. Informa esta redacção. 509

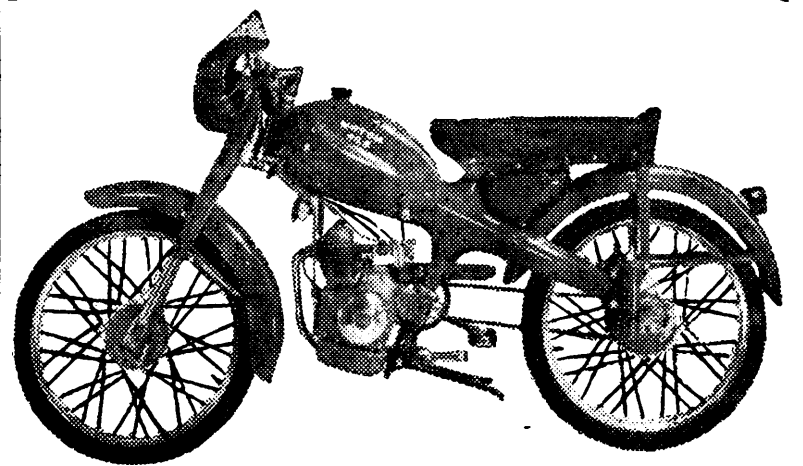
Hóspedes Aceitam-se numa casa particular. Falar na rua de D. João I, 107 (irmãs Novais). 529

ALUGA-SE Em Vizela. Moradia com todas as comodidades modernas. Nesta redacção se informa. 519

Caneleira De 5 fusos, em bom estado. Vende: Lobo & Irmão — Avenida Conde de Margaride — Guimarães. 538

CASA Aluga-se uma casa na Avenida Conde de Margaride, próximo do mercado. Falar na casa do Proposto. 545

Por cada 100 Km. percorridos gasta apenas 6\$00.



Não a conhece? É uma **MOTOM**.
Deseja adquiri-la? É simples.
Dirija-se às **Representações Auto-Moto**
«**SOAGUE**»
Av. do Conde de Margaride — GUIMARÃES
Telef. 4539 P. F. 539

Para boas pinturas são precisas

Boas tintas
Bom óleo de linhaça
Boa água raz
Bons esmaltes
Boas Trinchas

PREFIRA A CASA
JOSÉ MÁRIO MATOS
Telf. 40340 — RUA DA RAINHA, 141 544

Antes de Viajar...

... consulte sempre a «Intercontinental» — e «poupará tempo, arelias e dinheiro»!
A «Intercontinental» reúne secções especializadas de: Passagens de avião, navio e comboio, em qualquer companhia e para qualquer destino; Passaportes individuais e colectivos; Vistos consulares; Organização de excursões dentro e fora do país; Seguros e fotocópias; Moedas e notas de qualquer país; Papéis de crédito e cupões

Agência de viagens «INTERCONTINENTAL»
8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20255 e 30011 — PORTO (Ao cimo da Av.ª dos Aliados) 528

PRESTE ATENÇÃO ESTIMADO LEITOR:

Se está interessado em mandar executar qualquer género de instalação de Força Motriz, Iluminação, Aquecimento, Telefones e Campanhas, consulte no seu próprio interesse J. MONTENEGRO — L. 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510 — GUIMARÃES 1

Laboratório de Análises

Avenida Eng. Duarte Pacheco — Telef. 40404
— GUIMARÃES —
FERNANDO XAVIER TELEF. 40278
FERNANDO MONTEIRO TELEF. 4742 220

Máquinas de escrever «JAPY»

A máquina de escrever portátil mais barata que existe no mercado; máquinas de construção resistente e mecânica perfeita, orgulho da fábrica «JAPY», uma das fábricas mais importantes da FRANÇA e hoje da EUROPA.

Vende com facilidades de pagamento no único Agente neste Concelho:

Francisco Ribeiro de Castro
CASA DAS NOVIDADES
RUA DA RAINHA GUIMARÃES

ALTO, SR. PROPRIETÁRIO!

Nas s/ compras de TUBOS GALVANIZADOS exija e verifique que sejam de parede normal.

A aquisição de tubos de parede reduzida vai agravar-lhe o orçamento. Consulte-nos e nós o provaremos. Uma única Firma deste concelho importa directamente TUBOS GALVANIZADOS e garante o que vende porque sabe o que compra.

Em TUBOS GALVANIZADOS... ALTO! Em GUIMARÃES... SÓ

A Competidora de Representações, L.ª
RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4525 8